

Cristóvão Coutinho Ferreira

Percepção de Conflito na Relação de Irmãos Adultos

Mestrado em Temas de Psicologia

2009

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

Percepção de Conflito na Relação de Irmãos Adultos

Cristóvão Coutinho Ferreira

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, sob orientação da Professora Doutora Cidália Duarte, para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Porto
2009

Resumo

Este estudo pretende analisar as percepções de conflito nas relações de irmãos adultos, tentando contribuir para uma compreensão mais abrangente da forma como os irmãos adultos vivenciam as suas relações.

A investigação incidiu sobre uma amostra de 402 participantes portugueses, que tivessem pelo menos um irmão. Estes responderam a uma adaptação do instrumento *Adult Sibling Relationship Questionnaire*, (Lanthier & Stocker, 1992; adaptado por Coutinho & Duarte, 2008), ao *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (Matos & Costa, 2001) e a um questionário sócio-demográfico.

Os resultados indicaram que os divorciados percebem as relações com os seus irmãos menos calorosas e mais conflituosas, evidenciando também índices mais elevados de *inibição da exploração e individualidade* ao pai do que os sujeitos solteiros e do que os casados. As mulheres revelaram uma percepção da relação com os irmãos mais calorosa e mais conflituosa, com valores mais elevados de *qualidade do laço emocional ao pai* e de *ansiedade de separação e dependência* à mãe do que os homens. Relativamente à variável idade, verificou-se que os participantes mais novos apresentam uma percepção da relação com os irmãos mais calorosa e mais conflituosa do que os mais velhos, e índices mais elevados de *qualidade do laço emocional à mãe* e de *ansiedade de separação e dependência* ao pai do que os sujeitos mais velhos. No que concerne ao tamanho da fratria constatou-se uma percepção de menor conflito nas relações de irmãos quando a fratria é maior. Verificaram-se ainda diferenças significativas entre os indivíduos que vivem com os pais e aqueles que já não vivem, relativamente à percepção de conflito nas relações com os irmãos e à vinculação a ambos os pais.

Os resultados da investigação são discutidos à luz da literatura existente no domínio das relações de irmãos adultos, bem como dos pressupostos da teoria da vinculação, evidenciando-se as implicações do presente estudo, referindo-se algumas limitações e apontando pistas para futuras investigações.

Palavras-chave: Relação de Irmãos Adultos, Conflito, Vinculação.

Abstract

The aim of the study is analyze the perceptions of conflict in the adult siblings' relationship. This study tries to contribute to a holistic understanding how adult siblings live their relationships.

This examination was realized with a sample of 402 Portuguese subjects with at least one sibling. They asked to an adaptation of the *test Adult Sibling Relationship Questionnaires* (Lanthier & Stocker, 1992; adapted by Coutinho & Duarte, 2008), *Father/Mother Attachment Questionnaire* (Matos & Costa, 2001) and to a socio-demographic inquiry.

The results say that divorce ones see the relationships with their siblings as less warm, and more quarrelsome. There are also more inhibition of exploration and individualization to paternal figure, than single and married ones. The women have revealed a warmth and more quarrelsome relationship with their siblings, with high values of emotional tie quality to paternal figure and anxiety of separation/dependence to maternal figure. The younger ones present perceptions of their relationships with the sibling as warmer and less quarrelsome than older ones, and higher levels of quality in the emotional tie to their mothers. The small size of phratry is connected with more conflict. There are significative differences between the subjects who are living with their parents and those that are not living, confronted to perceptions of conflict in the relationship with siblings and to parent's attachment.

The results of this examination are based in the literature about relationships between siblings and attachment, showing evidence, limitations and implications to future research.

Key-words: Adult sibling relationship, Conflict, Attachment

Résumé

Cette étude prétend analyser les perceptions du conflit dans les relations de frères adultes, en essayant de contribuer à une compréhension plus englobante de la forme comme les frères adultes vivent intensément leurs relations.

La recherche est arrivée sur un échantillon de 402 participants portugais, qui avaient plus ou moins un frère. Ceux-ci ont répondu à un instrument adapté au *Adult Sibling Relationship Questionnaire*, (Lanthier & Stocker, 1992 ; adapté par Coutinho & Duarte, 2008), au *Questionnaire d'Attachement au Père et à la Mère* (Matos & Costa, 2001) et à un questionnaire sociodémographique.

Les résultats ont indiqué que les divorcés ont des perceptions des relations avec leurs frères moins positives et plus conflictuelles, en montrant aussi des indices plus élevés d'inhibition de l'exploration et de l'individualité au père dont les sujets célibataires et mariés. Les femmes ont révélé une perception de la relation avec les frères la plus positive et plus conflictuelle, avec des valeurs plus élevées de qualité de liaison émotionnelle au père et d'anxiété de séparation et de dépendance à la mère dont les hommes. À l'égard du changement d'âge, il s'est vérifié que les participants plus jeunes, présentent une perception de la relation avec les frères la plus positive et plus conflictuelle donc les plus âgés, et des indices plus élevés de qualité de liaison émotionnelle à la mère et d'anxiété de séparation et de dépendance au père dont les sujets les plus âgés. En ce qui concerne la dimension de la fratrie on a constaté une perception de moindre conflit dans les relations de frères quand la fratrie est plus grande. Se sont vérifiées encore des différences significatives entre les personnes qui vivent avec les parents et ceux qui plus maintenant vivent, à l'égard de la perception du conflit dans les relations avec les frères et à l'attachement aux deux des parents.

Les résultats de la recherche on discute en tenant compte la littérature existante dans le domaine des relations de frères adultes, ainsi comme des présuppositions de la théorie de l'attachement, en se montrant les implications de présente étude, en se rapportant quelques limitations et en indiquant des voies pour des futures recherches.

Mots-clé: Relation de Frères Adultes, Conflit, Attachement.

Índice

Introdução	1
Capítulo I.	2
1. Contextualização teórica	2
1.1. <i>A Fratria</i>	2
1.2. <i>O conflito</i>	4
1.3. <i>Vinculação aos pais</i>	6
2. Estudos sobre o conflito entre irmãos	9
2.1. <i>Estudos realizados com crianças e idosos</i>	9
2.2. <i>Estudos efectuados com adultos</i>	12
Capítulo II.	18
Estudo empírico: Metodologia.....	18
1. <i>Questões de investigação e objectivos do estudo</i>	18
2. <i>Instrumentos e procedimento</i>	20
2.1. <i>Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA</i>	21
2.2. <i>Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM</i>	22
2.3. <i>Questionário Sociodemográfico</i>	22
3. <i>Procedimento de administração dos instrumentos</i>	23
Capítulo III.	24
Análises Estatísticas e Resultados	24
1. Estudo da qualidade psicométricas dos instrumentos.....	24
1.1. <i>Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA</i>	24
1.2. <i>Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPA</i>	24
2. Resultados	26
2.1. <i>Análises correlacionais</i>	26
2.2. <i>Efeitos demográficos</i>	27
2.3. <i>Efeitos dos protótipos de vinculação</i>	32
Capítulo IV.....	35
Discussão e considerações Finais	35
1. Discussão dos resultados	35
1.1. Relação entre as dimensões do QRIA e do QVPM.....	35
1.2. Análises diferenciais	36
1.3. Efeitos dos protótipos da vinculação.....	43
2. Vantagens, limitações e sugestões para investigações futuras.....	44
Referências bibliográficas	47
Anexos	
Anexo 1: Questionário Sócio-Demográfico	
Anexo 2: Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA	
Anexo 3: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM	
Anexo 4: Análise factorial em componentes principais QRIA	

Introdução

O presente estudo pretende analisar as percepções de conflito nas relações de irmãos adultos. O conflito tem sido amplamente estudado, na sua dimensão interpessoal, nas relações conjugais, e neste domínio têm sido enunciadas estratégias adaptativas positivas de reacção às divergências. Porém, no que toca ao conflito que naturalmente ocorre nas relações fraternais, os estudos são ainda escassos. Aliás, na vasta literatura sobre a família, encontram-se poucos estudos referentes ao subsistema fraternal, e dentro destes, os investigadores têm privilegiado as populações infantis e juvenis e mais recentemente os idosos, deixando uma lacuna no conhecimento das relações entre irmãos adultos.

A vivência numa fratria parece proporcionar aprendizagens diversas que se repercutem ao longo do ciclo vital. Com efeito, as experiências vividas numa fratria parecem moldar o nosso modo de agir, de pensar e de influenciar a forma como cada indivíduo se relaciona com os outros. A opção por estudar o conflito na relação de irmãos adultos advém, em certa medida, da nossa vivência numa fratria com todas as vicissitudes, alegrias e sofrimentos, amor, ódio e conflitos, sendo que muito da nossa vida era uma história em comum nesse grupo familiar e por isso mesmo, inseparável da nossa própria história.

Devido à escassez de investigação neste domínio, o nosso estudo assume um carácter exploratório, contudo, procuraremos enquadrá-lo numa perspectiva construtivista, ecológica e sistémica do desenvolvimento humano, privilegiando uma grelha de leitura desenvolvimental, dado que consideramos que as experiências de relações anteriores moldam a forma como os indivíduos funcionam nas suas relações futuras.

Esta investigação pretende ainda analisar de que modo as representações de vinculação ao pai e à mãe influenciam o modo como os adultos se relacionam com os seus irmãos. A teoria da vinculação defende que os modelos internos dinâmicos adquiridos na infância, com as figuras vinculativas, funcionam como um padrão para futuros relacionamentos, mas a continuidade destes processos continua a ser uma das questões centrais deste modelo.

Este trabalho surge assim com o intuito de conhecer o modo como os irmãos adultos portugueses se relacionam e pretende discutir alguns dos factores que podem contribuir para uma maior proximidade nas relações fraternas.

Capítulo I.

1. Contextualização teórica

1.1. *A Fratria*

As relações fraternais foram abordadas no passado, embora de uma forma breve, por Adler (1984) e Freud (1913), realçando a importância do contexto fraternal no desenvolvimento individual do ser humano. Porém, a investigação familiar tem dado ênfase, sobretudo, às diferenças entre famílias quanto à sua funcionalidade, tendo-se interessado menos pelas relações existentes no seu interior (Fernandes, 2002).

O subsistema fraternal inicia-se quando nasce o segundo filho numa família, até aí composta, classicamente pelo pai, mãe e um filho. A família passa então a ser composta pelos subsistemas individual, parental, conjugal e fraternal sendo que a sua diferenciação e função se deve ao estabelecimento de fronteiras e regras (Relvas, 1996). Assiste-se à complexificação do sistema familiar pela necessidade de se reajustar ao novo membro recém-chegado, redefinindo os papéis e funções anteriores, tarefas certamente iniciadas no nascimento do primeiro filho.

Em média, o segundo filho nasce poucos anos depois do primeiro e, por isso, a fratria torna-se um contexto precoce na vida da maioria dos indivíduos (Fernandes, Alarcão & Raposo, 2007). O subsistema fraternal é, justamente, composto por pessoas que não tiveram a liberdade de escolher uma vida em comum, sendo esta relação, naturalmente imposta (Pulakos, 2001).

A partir do nascimento do segundo filho têm início partilhas, negociações, julgamentos e assim, o filho mais velho necessitará de reorganizar o seu espaço e a sua maneira de pensar tendo em conta a existência do mais novo. A relação fraterna funciona deste modo como um laboratório para a vida social, onde as crianças aprendem a cooperar, liderar, competir, rivalizar e negociar (Minuchin, 1982; Relvas, 1996).

A fratria parece ser também um contexto privilegiado para aprendizagem da resolução de conflitos, na medida em que quando as crianças contactam com o mundo extra-familiar recorrem a estas aprendizagens para se orientarem no estabelecimento de novas relações e enriquecem os seus próprios modelos interactivos fraternais com o aprendido no exterior. Estas modelações progressivas, fruto das relações entre iguais, vão ser utilizadas não só com os grupos de amigos ou na escola, mas também mais tarde, na vida profissional e nas relações afectivas adultas (Minuchin, 1982).

Parte significativa de cada um de nós construir-se-á, então, a partir das aprendizagens realizadas no quadro familiar, sobretudo das relações com os pais e os

irmãos. Mas, não é só durante a infância que se verifica uma influência recíproca e determinante entre os irmãos. Ao longo do ciclo vital, a marca indelével dessas relações passadas parece continuar a fazer sentir-se e a co-orientar o destino de cada um. As primeiras experiências com os nossos irmãos moldam, ainda hoje, a nossa maneira de agir, de pensar ou de nos considerarmos a nós mesmos (Faber & Mazlish, 1995 cit. in Fernandes, 2002).

Para compreendermos a dinâmica do subsistema fraternal, será necessário considerarmos variáveis da estrutura familiar, tais como, ordem de nascimento, género, diferença de idade, temperamento¹ da criança, tamanho da fratria, e o tratamento diferencial parental, na medida em que tais factores, possibilitam experiências diversificadas que podem intervir na relação de irmãos, tanto para facilitá-la como para dificultá-la.

As lutas fraternais são comuns à maioria das famílias, não obstante as diferenças de valores, estilo ou filosofia de vida de cada uma delas. Essas lutas, características de todo o grupo fraternal, têm um carácter mais lúdico do que agressivo, sendo a sua finalidade conquistar e preservar um espaço dentro do grupo e garantir a sua individualidade. Deste modo, estas disputas, além de saudáveis são importantes, pois ensinam a administrar os sentimentos relativos a perdas e ganhos, apontam limitações e os modos de tentar superá-las, mostram as questões em que têm maior facilidade e a forma de valorizá-las, promovem alianças, ensinam a dividir, partilhar e a solidarizar-se (Britto, 2002). Esta solidariedade entre os irmãos pode ser de tal ordem que os pais se sintam diante de um *“sindicato dos filhos”*, quando estes se protegem mutuamente, defendendo o irmão numa atitude solidária (Goldsmid & Carneiro, 2007). Tudo isto são aprendizagens de gestão de conflitos, que devem ser tuteladas pelos pais de modo diferente em função das idades dos filhos.

Deste modo, a relação de irmãos, em alguns momentos da vida, ainda que possa não ser central para a maioria dos indivíduos, é única pela sua duração (Goetting, 1986; White, 2001) e também porque os irmãos partilham uma herança genética, cultural e social comum e experiências comuns dentro da família (Goetting, 1986) sendo, geralmente, a relação mais longa e a mais igualitária (Cicirelli, 1982). Além disso, a proximidade nas relações de irmãos, sejam crianças ou adultos, tem importantes benefícios ao nível do bem-estar para aqueles que se envolvem na mesma (Shortt & Gottman, 1997).

¹ Temperamento é aqui definido como o estilo ou padrão de comportamento individual que o sujeito utiliza ao relacionar-se com os outros e com o meio ambiente.

1.2. O conflito

Nas relações humanas o conflito surge como inevitável e abrange todos os domínios da vida podendo assumir-se que ele é intrínseco à espécie humana, independentemente da cultura ou do momento histórico considerado, prevalecendo, subjacente ao conflito a discrepância de posições e o desejo de dominar (Alarcão, 2006).

Nas famílias, especificamente, os conflitos podem ocorrer entre os diversos subsistemas e dentro deles, entre irmãos, pais e filhos e família alargada (Duarte, 2005). Porém não havendo dentro da família abertura para a confrontação de ideias não haverá certamente conflito, mas também não haverá crescimento (Relvas, 1996).

Não obstante o conflito ser um elemento natural da vida humana, paradoxalmente, na maior parte das situações, não estamos preparados para lidar com ele. Em algumas culturas predomina uma concepção negativa do conflito nas suas diversas acepções, como por exemplo, sinónimo de desgraça e de azar, algo de perturbador e disfuncional nas relações interpessoais, sendo muitas vezes associado a determinadas situações sociais desfavoráveis, como o desemprego, a fome, o racismo e a marginalização (Jares, 2002) e muito raramente, associamos o conflito a oportunidade de crescimento pessoal, a melhor comunicação, à criatividade ou a aprendizagens e descobertas inovadoras (Duarte, 2005).

Na literatura encontramos diversas definições de conflito, sendo que a maioria se refere a um fenómeno de incompatibilidade entre pessoas ou grupos com fins e/ou valores inconciliáveis entre eles. Jares (2002), considera que se dá um conflito quando, pelo menos, uma das partes se sente frustrada face à obstrução ou irritação causada pela outra parte.

Neste estudo salientamos a dimensão interpessoal do conflito, dado que as relações entre pessoas, sejam elas de intimidade ou de amizade, são inconcebíveis sem a existência de divergências. Ter pensamentos e sentimentos diferentes é inerente às relações humanas e contribui claramente para o enriquecimento pessoal. Argumentar e discutir as diferenças, evidenciando o desacordo de pensamento é absolutamente saudável (Costa, 1994). Assim, a divergência é entendida como salutar na medida em que é no confronto da diferença que os sujeitos podem aceder a novos saberes, novas posições e novas relações, estando a discordância estreitamente relacionada com o crescimento e com o desenvolvimento (Alarcão, 2006) contribuindo para o enriquecendo da relação e possibilitando a diferenciação do self (Relvas, 1996). Concretamente em relações de intimidade, o conflito possibilita a diferenciação, ainda

que tal tenha sido estudado sobretudo com casais heterossexuais (Duarte, 2005) e nessa medida interessa também aprofundar aquilo que ocorre entre irmãos.

Com efeito, no que concerne à relação de irmãos, os conflitos podem ocorrer por causalidades muito diversas ainda que alguns conteúdos pareçam estar mais relacionados com o surgimento de conflitos do que outros, a saber: as diferenças de poder, o tratamento diferencial parental e o posicionamento dos pais face à resolução do conflito são alguns deles (Duarte, 2005).

A convivência involuntária dos irmãos e a luta pela atenção parental, pode contribuir para o surgimento de sentimentos e de comportamentos de oposição inconciliáveis entre eles. Quando a inveja, o ciúme e a competição se constituem como um padrão fixo de relacionamento do grupo, podem transformar-se em instrumentos poderosos e mobilizadores de uma guerra interminável, a rivalidade fraterna (Britto, 2002). A *Bíblia* (1962), enquanto transcrição de mitos e lendas, fornece-nos uma série de relatos ilustrativos, sendo o de maior destaque, o referente à história de Caim e Abel (Gen. 4, 1-16), que nos dá conhecimento do primeiro homicídio ocorrido na Terra entre dois irmãos, causado pela inveja, pelo ciúme e pela competição.

A rivalidade de irmãos tem a sua base na infância, na competição pelo amor e atenção parental (Adler, 1984; Cicirelli, 1982), sendo esta dimensão um tema saliente na literatura, constituindo-se como sendo um tipo de conflito decorrente da disputa pela recompensa dos pais. Porém, não foi estabelecido o grau de conflito, ou a sua influência no relacionamento de irmãos adultos (Lee, Mancini & Maxwell, 1990). Embora Cicirelli (1982) conclua depois de uma revisão da literatura que existem evidências no sentido de uma diminuição da rivalidade com o aumento da idade, estudos posteriores indicam que as rivalidades destrutivas podem persistir ao longo do ciclo de vida, na medida em que seja perceptível, para os filhos, o favoritismo parental e as interferências dos pais na resolução de conflitos entre irmãos (Friedman, 1991).

Contudo, a dinâmica familiar tanto pode levar os irmãos a uma competição saudável e equilibrada na busca de satisfazer as suas necessidades emocionais, como pode promover neles a animosidade e a percepção do outro como adversário. O tratamento diferencial parental tem sido indicado pela literatura como um factor influenciador da qualidade da relação de irmãos, sendo que o tratamento parental igual e a harmonia familiar durante as discussões familiares sobre os problemas de irmãos, tal como a percepção dos pais em relação à coesão familiar, estão associados a níveis inferiores de conflito e de rivalidade entre irmãos (Brody, Stoneman, McCoy & Forehand, 1992).

No que toca ao conflito e à afectividade nas relações de irmãos, os investigadores têm encontrado resultados pouco consistentes quanto à intensidade e continuidade temporal destas dimensões. Alguns estudos encontraram um decréscimo no afecto e um aumento de conflito nas relações de irmãos desde a infância até à adolescência (Buhrmester & Furman, 1990; Brody, Stoneman & McCoy, 1994). Porém, Lanthier e Stocker (1992) referem que as relações de irmãos tornam-se mais calorosas e menos conflituosas na transição para a idade adulta. Neste estudo foram também comparados os níveis de afecto na relação com a personalidade e variáveis do funcionamento psicológico, tendo-se constatado que os sujeitos que experienciam elevados níveis de afectividade, mostram níveis mais elevados de extroversão do que aqueles que se encontram em níveis médios e baixos de afectuosidade nas relações com os seus irmãos. Além disso aqueles que evidenciam maior e menor afecto apresentam níveis mais elevados de consciência e melhor funcionamento psicológico do que aqueles que evidenciam níveis médios de afecto.

Mas, no que toca ao subsistema fraternal os estudos tem sido realizados, principalmente, com populações infantis e juvenis, (Spitze & Trent, 2006) sendo a investigação acerca das relações de irmãos adultos muito limitada (Cicirelli, 1980b; Goeting, 1986; Lee *et al.*, 1990; Searcy & Eisenberg, 1992), principalmente na faixa etária dos vinte aos sessenta anos (White, 2001), tendo surgido, recentemente, alguma investigação sobre a idade adulta avançada (Stewart, Verbrugge & Beilfuss, 1998). Com efeito, parece que o estudo da relação de irmãos tem suscitado interesse nos investigadores apenas enquanto as crianças ou os adolescentes vivem em casa dos pais, ou então na idade adulta avançada, quando a família e os amigos dos sujeitos faleceram ou mudaram de lugar, deixando-os mais sozinhos e dependentes dos seus irmãos.

1.3. *Vinculação aos pais*

A teoria da vinculação nas últimas décadas tem-se afirmado progressivamente como um contributo relevante para a compreensão da importância das ligações afectivas no desenvolvimento ao longo do ciclo vital, assumindo-se, como uma abordagem heurística para o estudo das relações de proximidade emocional nos jovens e nos adultos (Matos, 2002).

Originalmente formulada por John Bowlby e Mary Ainsworth, a teoria da vinculação foi inspirada nos trabalhos de Lorenz (1935), de Tinbergen (1951) e de Harlow (1958) efectuados sobre a etologia animal. Bowlby (1969) foi um dos

investigadores pioneiros, distinguindo claramente dois conceitos: vinculação e comportamentos de vinculação. Para o autor a vinculação é uma ligação emocional persistente, sendo que um comportamento de vinculação é suportado por uma base biológica. Segundo Bowlby (1969) o “sistema comportamental de vinculação” refere-se a qualquer forma de comportamento com o intuito de manter ou atingir uma proximidade desejada a uma determinada figura, sendo a regulação do sistema de vinculação feita em articulação com outros sistemas comportamentais e em particular com o de exploração (Ainsworth, 1989).

Como resultado das interações ocorridas entre a criança e as figuras de vinculação, desde os primeiros anos de vida, a criança desenvolve um conjunto de expectativas acerca do self, dos outros e do mundo, que Bowlby (1969/91) designou de modelos representacionais ou modelos internos dinâmicos, *“supostos veículos de ligação entre as experiências ocorridas na infância e aquelas em que o sujeito vai participando e sobre as quais vai agindo no decurso do seu desenvolvimento”* (Matos, 2002, p. 142). Estes modelos construídos precocemente pela criança constituem importantes grelhas de leitura, interpretação e significação da realidade. São esquemas com uma carga afectiva que regulam o sistema comportamental da vinculação, tendendo a resistir à mudança e a influenciar o comportamento na vida adulta, mostrando-se sensíveis a transformações, resultantes nomeadamente de alterações nas relações do indivíduo com o meio (Matos, 2002).

Inicialmente os estudos sobre a vinculação dirigiam-se particularmente para a exploração de questões ligadas à vinculação na infância, mas recentemente, vários autores têm aplicado os conceitos e as asserções principais da teoria ao domínio do desenvolvimento do jovem e do adulto.

Retomando o conceito de modelos internos dinâmicos de Bowlby, (Bartholomew, 1990; Bartholomew & Horowitz, 1991) propôs um modelo bidimensional de avaliação prototípica da vinculação no adulto. Este modelo organiza-se em torno da positividade e da negatividade das dimensões que, segundo Bowlby (1973) representam o *modelo do self*, relacionado com a percepção de si próprio como sujeito merecedor de amor e de atenção, e o *modelo do outro* relacionado com a percepção do indivíduo acerca da responsividade e acessibilidade dos outros, regulando este modelo a proximidade ou o evitamento relativamente aos outros.

Do cruzamento destas duas dimensões resultaram quatro protótipos de vinculação: o *seguro*, com modelos positivos do self e do outro, evidencia elevada auto-estima e auto-confiança, sendo capaz de desenvolver relações de intimidade com os

outros sem perder a autonomia pessoal; o *preocupado*, com um modelo positivo do outro e negativo do self, envolve-se exageradamente nas relações e a sua auto-estima, depende da aceitação dos outros, sendo este padrão semelhante, conceptualmente, ao estilo ambivalente de Hazan e Shaver e ao padrão preocupado de Main e colaboradores; o *desinvestido*, que corresponde ao padrão desligado de Main e colaboradores, configura um modelo positivo do self e negativo do outro, não dá importância às relações de proximidade, valoriza a sua independência e nega as suas necessidades de vinculação; finalmente, o *amedrontado*, que se assemelha ao padrão evitante de Hazan e Shaver, com modelos negativos do self e do outro, é inseguro e não confia nos outros, evita a proximidade nas relações porque teme a rejeição (Matos, 2002).

O constructo de modelos internos dinâmicos é dos mais centrais da teoria da vinculação, não obstante a sua definição seja pouco clara no que concerne à estabilidade e mudança. No entanto, Collins e Read (1994) referiram que na idade adulta os modelos de vinculação são o reflexo da qualidade das relações da criança com as figuras significativas, mas desde a infância não se deve negligenciar as relações dos indivíduos com outros elementos da família, nomeadamente os irmãos. Numa perspectiva desenvolvimental, é razoável supor que os aspectos qualitativos de relacionamentos precoces podem influenciar a natureza das relações subsequentes.

A natureza da relação de irmãos adultos pode ser influenciada pela qualidade das relações iniciais da criança com a mãe ou até pelas primeiras relações com o irmão. Tem sido empiricamente estabelecido que os irmãos desenvolvem vinculações um com o outro numa fase precoce da vida (Stewart, 1983; Stewart & Marvin, 1984), Cicirelli (1995), sugeriu que vinculações seguras ou inseguras entre irmãos podem ser usados para ter em conta relações positivas ou negativas entre irmãos em diferentes fases da vida.

Ainda o mesmo autor, verificou que a proximidade entre irmãos reflecte partilha de confidências, escuta activa de problemas e dar ajuda. Cicirelli (1989), Pulakos (1987) encontraram que o apoio e a assistência estavam relacionados com a proximidade e afectos positivos nas relações de irmãos adultos. Além disso, parece que a relação entre suporte e a vinculação é mais forte quando uma irmã está envolvida (Cicirelli, 1989).

Em síntese, na contextualização teórica que realizamos, referimo-nos num primeiro momento, às questões que envolvem normalmente a fratria apresentando os factores que a envolvem desde a sua constituição, o que acontece com o nascimento

do segundo filho. A formação do subsistema fraternal traz consigo uma maior complexificação do sistema familiar que tem necessidade de reajusta-se ao novo membro e redefinir papéis e funções anteriores. A fratria, representa um espaço de aprendizagens diversificadas com repercussões evidentes noutros contextos sociais e como o lugar onde se constroem as relações mais igualitárias e mais longas do ser humano.

Porém, na fratria são vividos os primeiros amores e os primeiros ódios e a forma como são experienciados estes sentimentos, pode repercutir-se positiva ou negativamente nas relações futuras, nomeadamente nas relações fraternas. Com efeito, o modo como são vividos os conflitos entre os irmãos e o modo como estes percebem o posicionamento dos pais face aos seus próprios problemas, pode contribuir para configurar as relações de irmãos enquanto adultos.

Finalmente, fizemos uma breve referência à teoria da vinculação salientando as suas principais linhas orientadoras e seguidamente, faremos uma revisão dos estudos existentes, que consideramos pertinentes para esta investigação, referindo em primeiro lugar os trabalhos empíricos realizados junto de crianças e adolescentes, seguindo-se os estudos com populações idosas e finalmente, os estudos efectuados com adultos, que como já referimos anteriormente são escassos.

2. Estudos sobre o conflito entre irmãos

2.1. Estudos realizados com crianças e idosos

Num estudo conduzido por Minnet, Vandell e Santrock (1983), foram examinados os efeitos das variáveis de estrutura familiar, tais como ordem de nascimento, o espaçamento de idade, o sexo do sujeito e o sexo do irmão, nas relações de irmãos. Os resultados indicaram que as experiências dos irmãos variam sistematicamente em função daquelas variáveis. Os irmãos mais velhos tendem a ensinar e a elogiar os mais novos, denotando-se maior agressividade quando as idades são mais próximas e comportamentos mais positivos e de afecto quando há maiores diferenças de idade. No mesmo estudo, foi constatado que os sujeitos do género feminino tendem a elogiar e a ensinar os irmãos, enquanto os sujeitos do género masculino evidenciam comportamentos mais neutros, as díades do mesmo sexo apresentam comportamentos mais agressivos e de dominância.

Outros estudos examinaram em que medida o comportamento materno, o temperamento da criança e as estruturas familiares, estariam associadas com as dimensões da relação de irmãos, tendo verificado que o comportamento materno,

particularmente o tratamento diferencial, e o temperamento da criança têm maior influência na qualidade da relação de irmãos do que as variáveis de estrutura familiar (Stocker, Dunn & Plomin, 1989).

Também o comportamento diferencial materno e o temperamento das crianças na relação com os irmãos foi alvo de interesse dos investigadores, tendo sido constatado que elevada actividade, emoções intensas e níveis baixos de persistência tanto no irmão mais velho como no mais novo, estavam associados a um aumento de lutas entre irmãos. Enquanto elevada actividade e baixo nível de persistência nos irmãos mais novos estava associado com comportamentos mais agressivos entre irmãos. No mesmo estudo foi ainda evidenciado que a preferência materna está associada à qualidade da relação de irmãos, sendo que o favorecimento da mãe ao filho mais novo, está geralmente associado a baixos níveis de verbalizações e comportamentos de luta entre irmãos (Brody, Stoneman & Burke 1987).

Outros investigadores procuraram examinar as associações entre combinações de temperamento (díades com temperamentos diferentes) dos irmãos e os aspectos qualitativos da relação de irmãos, tendo sido constatado que o conflito negativo ocorre quando os irmãos experienciam níveis elevados de actividade e quando o irmão mais velho é mais activo do que o irmão mais novo, sendo o conflito menor quando ambos os irmãos evidenciam baixa actividade (Stoneman & Brody, 1993).

Num estudo efectuado por Brody *et al.*, (1992), foi constatado que o tratamento parental igual e a harmonia familiar durante as discussões familiares sobre os problemas de irmãos, tal como a percepção dos pais em relação à coesão familiar, estão associados a níveis inferiores de conflito. Com efeito, foi encontrado que quando os pais tratam os filhos imparcialmente, usando níveis moderados de controlo e a perspectiva de cada um dos irmãos é solicitada e considerada de forma igual, as relações de irmãos são menos conflituosas.

Brody, Stoneman e McCoy (1992), num estudo longitudinal constataram diferenças na relação de irmãos consoante o tratamento diferencial de cada um dos pais. No entanto sugerem mais investigações que confirmem estes dados.

Brody *et al.*, (1994) num estudo longitudinal de processos e variações familiares da qualidade da relação de irmãos, constataram a existência de aspectos particulares na relação pai-filho e no comportamento diferencial do pai, como preditor da qualidade da relação de irmãos. No entanto, segundo os autores os dados são ainda escassos para explicar, que a indisponibilidade dos pais comparativamente às mães possa conceder-lhes um impacto psicológico positivo ou negativo na relação com os filhos e que esses aspectos possam ter repercussões na relação dos irmãos.

Furman e Buhrmester (1985) numa amostra de pré-adolescentes, observaram o efeito significativo da diferença de idades nos comportamentos agonísticos entre irmãos, tendo verificado que quanto mais próximos eram em idades mais conflituosas, competitivas e agonísticas eram as suas relações.

Shebloski, Conger e Widaman (2005) examinaram as relações recíprocas entre o tratamento diferencial parental, a percepção de parcialidade dos irmãos e a sua auto-estima. Os resultados sugerem que a ordem de nascimento está significativamente associada com a auto-estima e a percepção de tratamento parental, verificando-se um efeito consistente na auto-estima ao longo do tempo relativo à percepção de parcialidade parental dos irmãos mais novos, não se verificando esse efeito nos mais velhos.

A variação do bem-estar da criança, tendo em conta as suas percepções de justiça relativas ao tratamento preferencial parental, foram estudadas, tendo sido constatado que embora a quantidade de controlo preferencial, percebido pelas crianças, esteja relacionado com a exteriorização de comportamentos problemáticos, os baixos níveis de interiorização de comportamentos problemáticos e uma maior auto-estima são evidenciados quando a criança percebe o tratamento preferencial parental como sendo justo (Kowal, Kramer, Krull & Crick, 2002).

Porém, outros investigadores examinaram as associações entre o conflito conjugal e as relações das crianças com os seus irmãos e com os pares, tendo constatado que o conflito conjugal está associado a relações de irmãos menos calorosas, com maior conflito e rivalidade, sendo as relações destes sujeitos com os pares, mais problemáticas (Brody, 1998; Stocker & Youngblade, 1999).

Por sua vez MacKinnon (1989) procurou estudar as diferenças de relações entre irmãos, em famílias casadas e em famílias divorciadas, observando em que medida a relação de irmãos estava associada à qualidade da relação pai-filho e mãe-filho. Foi constatado que a qualidade das interações de irmãos está relacionada com outras relações de díades na família e com o funcionamento da própria família. Foi constatado também que a qualidade das relações dos pais contribui mais para a predição de comportamentos negativos na relação de irmãos, do que o estatuto civil dos progenitores.

Erel e John (1998) verificaram que os comportamentos negativos dos irmãos mais velhos estão relacionados com uma relação negativa do casal e a com relação mãe-filho, sendo que o comportamento negativo dos irmãos mais novos está relacionado com as relações diferenciais mãe-filhos.

Num estudo longitudinal conduzido por Branje, Lieshout, Aken e Haselager (2004) em que foi observado o desenvolvimento da percepção de apoio nas díades de irmãos, a influência do apoio e os comportamentos problemáticos de irmãos no ajustamento psicossocial na adolescência, constatou-se que o suporte percebido por um irmão está negativamente relacionado com a exteriorização de problemas, enquanto os problemas comportamentais de irmãos estão fortemente relacionados com a internalização de problemas. As trajectórias diferenciais de desenvolvimento no ajustamento de adolescentes estão associados com o suporte de irmãos e comportamentos problemáticos.

É de notar que nos estudos acima referidos, quando os autores se referem ao conflito, não fica claro se o percebem como negativo ou positivo, ou seja, como algo natural nas relações interpessoais, como oportunidade de diferenciação e individuação.

Especificamente com idosos Cicirelli (1989), realizou um estudo em que procurou examinar se o bem-estar nos idosos estava relacionado com a percepção de proximidade na sua relação com os irmãos e na sua percepção de ruptura dessa relação. Tendo sido encontrado que a proximidade relacional com uma irmã (tanto por um homem como por uma mulher) está relacionada com níveis mais baixos de depressão, e a percepção de conflito evidenciada pelas mulheres nas relações com as suas irmãs, está relacionado com o aumento da depressão.

Por sua vez Connidis e Campbell (1995) numa amostra de 528 indivíduos maiores de 55 anos, examinaram o impacto do género, o estado civil e o estatuto dos pais na proximidade emocional, na confiança e no contacto entre irmãos na meia-idade e na idade adulta avançada. Constataram que as mulheres ou outros participantes que tenham irmãs, os solteiros e os que não têm filhos, tendem a ter maiores ligações com os irmãos. O controlo de variáveis tais como o número de irmãos, a proximidade geográfica, a idade e a educação são também significativos, sendo que a proximidade emocional dos irmãos é um factor importante relacionado com a confiança e o contacto.

2.2. Estudos efectuados com adultos

Num trabalho exploratório desenvolvido por Bedford (1986) com uma amostra de 60 sujeitos (30 do sexo masculino; 30 do sexo feminino) com idades compreendidas entre 30 e 69 anos, utilizando técnicas projectivas, procurou comparar em dois períodos distintos da vida adulta dos sujeitos, diferenças no que toca à afiliação, ao conflito e à

separação. Constatou-se que os homens e as mulheres estão igualmente afiliados com os irmãos em ambas as fases da vida, o que também se verificou na dimensão do conflito, mas em ambas as fases as mulheres indicam mais conflito nas relações de irmãos do que os homens.

Foi também evidenciado que o desejo de separação não está necessariamente relacionado com o conflito e que a constância na afiliação e conflito no relacionamento de irmãos em determinados períodos da vida, suporta a predição de que os sentimentos subjacentes acerca dos irmãos são estáveis.

Stocker, Lanthier e Furman (1997) desenvolveram um estudo com uma amostra de 383 sujeitos de ambos os sexos, nos estados do Colorado e Indiana, procurando descrever a natureza da relação de irmãos jovens adultos e examinar as correlações das diferenças individuais nas relações de irmãos. Para o efeito, utilizaram o *Adult Sibling Relationship Questionnaire* (ASRQ), Lanthier e Stocker, (1992) (instrumento utilizado no presente trabalho), obtendo indicações no sentido de caracterizar a relação de irmãos jovens adultos em três dimensões independentes a saber: relação calorosa, conflito e rivalidade.

Os autores salientaram que intuitivamente, era esperado que a afectividade nas relações de irmãos adultos, fosse uma dimensão evidente, no entanto não era esperado que o conflito e a rivalidade fossem importantes na relação de irmãos adultos, dado que os estes geralmente vivem afastados uns dos outros e podem determinar quantitativamente o contacto que têm entre si. Assim sendo, os irmãos podem evitar o conflito por separação e distância, no entanto, resultados recentes indicam que alguns pares de irmãos continuam a vivenciar períodos de conflito ou percebem as suas relações como conflituosas.

A dimensão do poder parece não emergir na relação de irmãos adultos, na medida em que na idade adulta as diferenças desenvolvimentais entre os irmãos são menos salientes do que em crianças, e por conseguinte os irmãos podem ter uma relação mais igualitária.

A maior diferença de idade entre os irmãos está associada com relações menos conflituosas, e irmãos de géneros diferentes evidenciavam menor conflito nas suas relações do que irmãos do mesmo género. Os participantes do género feminino evidenciam maior rivalidade nas suas relações do que os participantes do género masculino. Os participantes que têm uma irmã reportam relações mais conflituosas e mais afectuosas do que aqueles que têm um irmão.

Porém o número de irmãos numa família foi negativamente correlacionado com o afecto e positivamente associado com rivalidade, sendo que quando as famílias são

maiores as relações de irmãos tendem a ser menos próximas e menos calorosas, podendo continuar assim na idade adulta, o que pode contribuir para o aumento da rivalidade.

Stewart e colaboradores (1998), realizaram um estudo com uma amostra de 267 sujeitos com idades compreendidas entre 17 e os 56 anos, utilizaram o ASRQ, instrumento utilizado no nosso estudo, procurando classificar as relações de irmãos em tipologias e descrever as suas relações no que concerne à relativa afectuosidade, conflito e rivalidade. Constataram que quando os sujeitos respondentes são mais velhos do que os seus irmãos reportam níveis mais elevados de conflito do que os irmãos mais novos. Os homens evidenciam níveis mais elevados de competição do que as mulheres, mas revelam baixos níveis de antagonismo e de dominância, no entanto, a interacção entre irmãos (irmão/irmão) tende a ser percebida como mais competitiva. Também nas interacções entre o respondente e o género do irmão, foram encontrados efeitos significativos, sendo que as díades femininas tendem a reportar maior intimidade, afecto, conhecimento e contacto. Segundo os autores, numa perspectiva desenvolvimental é razoável assumir que os aspectos qualitativos das relações iniciais podem influenciar a natureza das relações subsequentes.

Num estudo efectuado por White (2001), com uma amostra de 9000 sujeitos com idade compreendida entre 18 e 85 anos, procurou-se analisar diferenças em quatro medidas comportamentais na relação de irmãos: proximidade, contacto, dar ajuda e receber ajuda ao longo do ciclo vital. Constatou-se que a proximidade e o contacto entre irmãos decrescem moderadamente no início da idade adulta, mas estabiliza durante a idade adulta. A ajuda mútua declina desde os 16 anos até à idade adulta avançada, porém após os setenta anos denota-se um aumento de ajuda naqueles que têm irmãos a viver próximos de si. O contacto entre irmãos e as trocas entre si aumentam com os divórcios e decrescem com o nascimento dos filhos, os recasamentos e o aumento da distância geográfica.

Noutra investigação, conduzida por Searcy e colaboradores (1992) com uma amostra de 271 estudantes universitários, média de idade 19.2, foi encontrado que na relação de irmãos a defesa relativa à ajuda, está positivamente associada com a percepção de conflito, com o estatuto e o poder do receptor da ajuda e com a maior competência reportada, em comparação com o irmão que presta a ajuda. Os autores sugerem que a associação entre o conflito e a defesa existe quando ambos os irmãos reflectem uma relação negativa e antagónica. No entanto, neste estudo não foi encontrada uma correlação significativa entre a rivalidade de irmãos e a aceitação de ajuda. Os autores colocam a hipótese dos resultados poderem ser atribuídos a falhas

na escala (SRQ) ou se a dimensão rivalidade não será relevante para jovens adultos. Contudo, a explicação daqueles autores é inconsistente com a constatação de Ross e Milgram (1982) em que 71% dos adultos descreveram sentimentos actuais de rivalidade em relação ao irmão.

Num estudo conduzido por Shortt e colaboradores (1997) na Universidade de Washington, com uma amostra de 84 pares de irmãos (21 irmã/irmã, 21 irmão/irmão, 21 irmão mais velho/irmã mais nova, 21 irmã mais velha/irmão mais novo) com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, compararam a proximidade e a distância entre pares de irmãos com variáveis psicológicas e com dimensões específicas como afectividade, conflito e poder, através de dois diálogos entre irmãos, sendo um com tópicos agradáveis (maior probabilidade de acordo) e outra com tópicos desagradáveis (maior probabilidade de desacordo). Não encontraram nenhuma evidência que a proximidade possa ser explicada por variáveis de estrutura familiar, ou pela distância geográfica. Segundo os autores a proximidade na relação de irmãos jovens adultos foi caracterizada não apenas por maior afectividade mas também por menos lutas de poder. No entanto, a discrepância de poder e estatuto entre o irmão mais velho e o irmão mais novo, ainda está presente no início da idade adulta, sugerindo que os irmãos jovens adultos podem experienciar elevados níveis de afecto nas suas relações e baixos níveis de conflito nas suas interacções.

Num estudo conduzido por Lee e colaboradores (1990), junto de 313 adultos, na área urbana da Virginia, procurou-se avaliar os padrões de contacto geral, motivação de contacto obrigatório e facultativo, tendo em conta as relações entre irmãos na idade adulta. Este estudo ocorre no contexto de variáveis qualitativas da relação (a proximidade emocional, a expectativa de responsabilidade de irmão e o conflito), características individuais e familiares (diferença de idade entre irmãos, número de irmãos, proximidade geográfica, sexo do respondente e composição do género do par de irmãos) e se o participante reside com crianças.

Tendo-se verificado que variáveis como a proximidade emocional, a expectativa de responsabilidade de irmãos e proximidade geográfica, são as mais importantes na explicação das dimensões de interacção entre irmãos, sendo que a proximidade emocional representa um estado interno que pertence a um nível positivo de experiencia na relação e um sentido de responsabilidade pelo bem-estar do irmão reflecte uma norma de comportamento familiar e um conjunto de prescrições culturais.

Segundo os autores, a percepção de obrigatoriedade de contacto com o irmão pode ser mediada pela proximidade emocional na relação. Ou seja, onde existe proximidade emocional, a obrigação pode não ser percebida como opressiva. Neste

estudo também foi observado que a existência de grandes conflitos entre irmãos era predictor de maiores contactos. Assim, irmãos que vivem mais perto uns dos outros têm mais contacto e devido a esse maior contacto aumentam a probabilidade de experienciarem mais situações de conflitos.

Num estudo conduzido por Spitz e colaboradores (2006), com uma amostra de 1500 sujeitos maiores de 19 anos, examinaram a proximidade afectiva, contacto e a ajuda entre irmãos adultos. Constataram que os irmãos adultos interagem frequentemente entre si e têm sentimentos positivos. É mais provável que as mulheres reportem mais os seus sentimentos com os seus irmãos do que os homens. Os pares de irmãs contactam mais entre si trocando conselhos do que todas as outras combinações de pares de irmãos.

Weaver, Coleman e Ganong (2003) desenvolveram um estudo com uma amostra de 224 jovens adultos, com o objectivo de examinar a performance no desempenho de tarefas de irmãos nas diferentes díades e avaliar a relação entre o desempenho percebido, funções e percepções de proximidade na relação. Constatou-se que os pares de irmãs têm maior probabilidade de desempenhar funções de regulação mútua, interpretar e prestar serviços directos do que os outros pares de irmãos.

Eriksen e Gerstel (2002) numa amostra de 241 adultos examinaram o tipo e a quantidade de ajuda que os adultos providenciam aos irmãos, tendo em conta as características sociais do irmão que ajuda, do receptor, a relação que existe entre ambos e as formas de cuidar da família de origem. Tendo constatado que uma grande maioria de adultos fornece uma ampla gama de cuidados anualmente aos seus irmãos e até mesmo com base mensal. O género, a idade e a classe social configuram um tipo de ajuda, enquanto a diferença racial pouco efeito evidencia.

Os pais que não são casados recebem significativamente menor ajuda do que os pais casados, sendo que a ajuda do irmão depende do contexto familiar. Ou seja, ter um pai vivo facilita a ajuda entre os irmãos e em famílias numerosas, o tipo de ajuda e a quem esta deve ser prestada, são condicionados pela família.

Voorpostel e Blieszner (2008) numa amostra de 1259 tríades (2 irmãos e um pai) procuraram examinar se o suporte instrumental e o suporte emocional são melhorados pela solidariedade intergeracional e como este apoio difere entre irmãos e irmãs. Constataram que o suporte é afectado pelas características da díade e pela relação com os pais, sendo que o suporte entre irmãos melhora quando a relação com os pais é pobre e com baixa frequência de contacto, o que indica um mecanismo de compensação. O suporte entre irmãos está positivamente relacionado com o suporte parental, o que sugere um mecanismo de reforço, sendo este mais evidente nas irmãs.

Num estudo efectuado por Connidis (1992) numa amostra de 60 díades de irmãos adultos, procurou-se examinar os efeitos que ocorrem na relação de irmãos adultos nas diferentes transições ao longo do ciclo vital, nomeadamente no casamento, no divórcio, na viuvez, na morte, em problemas de saúde de familiares e quando os casais têm crianças. Tendo observado uma melhoria nas relações de irmãos quando os sujeitos são casados, embora se denote menor frequência de contacto e menor proximidade, sendo que quando nascem crianças aumenta o contacto e a proximidade emocional. Em caso de divórcio ou de viuvez verificou-se maior proximidade emocional, contacto mais frequente e mais apoio entre os irmãos, assim como em caso de doença ou de morte de algum familiar, verifica-se maior proximidade emocional entre os seus membros.

White e Riedmann (1992), realizaram um estudo com uma amostra de 7730 adultos, testando o modelo de suporte social efectivo e o suporte percebido entre irmãos adultos. Constatou-se que mesmo com baixos níveis de trocas actuais cerca de 30 por cento da amostra procuraria ajuda em primeiro lugar junto do irmão em caso de emergência. O suporte social entre irmãos era maior para aqueles que tinham irmãs vivas e para os que não têm filhos adultos. Os resultados constataam ainda que os afro-americanos e os que têm baixo nível educacional e económico apresentam menor probabilidade de se envolverem em trocas de apoio com os irmãos. No entanto, um suporte fraco dos irmãos pode representar simplesmente uma redução da rede de apoio para o círculo familiar. Contudo os autores referem que estes resultados sugerem cuidado ao assumir que grupos com desvantagens socioeconómicas podem contar com redes familiares mais extensas e fortes.

Finalmente, num estudo conduzido por Cicirelli (1980) com uma amostra de 100 jovens adultos de um colégio feminino, constatou-se que as mulheres quando se trata de obter ajuda e conselho, procuram mais a mãe do que o pai ou os irmãos, não havendo diferenças entre o pai e os irmãos. No que concerne a funções de liderança, as mulheres sentem-se mais fortes em relação a ambos os pais do que aos irmãos. Os sujeitos do sexo feminino percebem tanta proximidade emocional ao irmão como à mãe e tem sentimentos mais positivos em relação aos irmãos do que aos pais.

Capítulo II.

Estudo empírico: Metodologia

1. *Questões de investigação e objectivos do estudo*

De acordo com a escassa investigação neste domínio, levantam-se algumas questões que procuraremos aprofundar de modo exploratório junto de irmãos adultos portugueses (n = 402).

Assim, num estudo conduzido por Stocker e colaboradores (1997), os autores salientaram que intuitivamente, era esperado que a afectividade nas relações de irmãos adultos, fosse uma dimensão evidente. No entanto, não seria esperado que o conflito e a rivalidade fossem salientes na relação de irmãos adultos, dado que os irmãos adultos geralmente vivem afastados uns dos outros e podem determinar quantitativamente o contacto que têm entre si. Porém, Brody e Stoneman (1994) referem que os sentimentos que os irmãos desenvolvem durante a infância podem persistir durante a idade adulta.

A ordem de nascimento e consequentemente a posição que cada irmão ocupa na fratria, tem sido referida na literatura como um factor determinante da personalidade e da inteligência da criança. O primogénito tem sido caracterizado como mais inteligente e mais dominador do que o secundogénito e do que os restantes elementos da fratria, o que pode contribuir para o aumento do conflito (Minnett *et al.*, 1983; Shortt *et al.*, 1997). Também o tamanho da família nuclear, parece influenciar as relações dos irmãos relativamente à dimensão do conflito, sendo que quando as famílias são maiores as relações de irmãos tendem a ser menos próximas e menos calorosas do que em famílias mais pequenas (Stocker *et al.*, 1997). Mais uma vez salientamos o carácter eminentemente exploratório do presente estudo, dado que a literatura neste domínio, além de ser escassa, incide principalmente sobre populações de crianças.

As preferências dos pais, implícitas ou explícitas, relativamente a cada um dos filhos, assim como a preferência da família alargada, e até mesmo os reforços do meio envolvente, podem contribuir para aumentar a competição, a rivalidade e os conflitos entre irmãos. Com efeito, alguns autores têm constatado uma relação estreita entre a negatividade das relações fraternais e o comportamento parental diferenciado (Brody *et al.*, 1992, 1994; Brody *et al.*, 1987; Dunn & Kendrick, 1981; Furman & Buhrmester, 1985^a). Porém, as investigações têm incidido principalmente sobre populações infantis e juvenis, não se apurando os efeitos destas vivências nas relações de irmãos adultos.

O género dos irmãos tem sido apontado por alguns investigadores como um factor influenciador da qualidade da relação de irmãos adultos. Num estudo conduzido por Stocker e colaboradores (1997) foi constatado que irmãos de géneros diferentes evidenciavam menor conflito nas suas relações do que irmãos do mesmo género. Noutros estudos porém, foi observado que as mulheres sentiam as suas relações com os seus irmãos significativamente mais próximas do que os homens, geralmente mais recíprocas e caracterizadas por afectos mais positivos (Pulakos, 2001; Connidis, 2001), mantêm mais contacto, sentem-se mais próximas e partilham mais conselhos entre si do que outros pares de irmãos, no entanto, os estudos têm sido muito inconsistentes (Spitze *et al.*, 2006).

A teoria da vinculação tem sido reconhecida como uma grelha conceitual para a compreensão do modo como as relações de vinculação contribuem para um desenvolvimento e funcionamento humano nos vários contextos de vida ao longo do ciclo vital. Neste trabalho, a vinculação ao pai e à mãe será analisada a título exploratório, dado tratar-se de uma população de adultos, exigindo um sentido retrospectivo na forma dos sujeitos responderem às vivências parentais, e não existirem estudos que relacionem a vinculação aos pais com a relação de irmãos na idade adulta.

Deste modo, o presente estudo propõe-se explorar a percepção de conflito que os indivíduos adultos têm das relações com os seus irmãos, considerando para o efeito a influência que algumas variáveis sócio-demográficas (idade, género, estado civil, posição na fratria, número de irmãos e se vive com os pais), podem ter nas suas percepções, a partir das questões de investigação anteriormente enunciadas:

- 1) Será que os indivíduos adultos percebem as suas relações com os irmãos de forma calorosa, ou conflituosa? E a percepção que os sujeitos têm das relações com os irmãos será contínua ao longo do ciclo vital?
- 2) A posição na fratria, será que influencia o modo como os sujeitos adultos percebem as relações com os seus irmãos? E o número de irmãos, será que influencia?
- 3) A percepção de conflito na relação de irmãos adultos, estará relacionada com a percepção de tratamento diferencial parental?
- 4) As diferenças de género, serão um factor influenciador da percepção de conflito nas relações de irmãos adultos? E a afectuosidade?

- 5) A qualidade da vinculação ao pai e à mãe, terá influência no modo como os irmãos adultos percebem as suas relações?

Finalmente, reassumimos o carácter exploratório de análise da maioria destas questões na medida em que são raros os estudos que avaliem estas variáveis na literatura da especialidade.

Amostra

O nosso estudo incidiu sobre indivíduos que tivessem pelo menos um irmão(a), com idades compreendidas entre os vinte e os cinquenta anos de idade ($M = 35$), sendo a amostra constituída por 402 indivíduos, a maioria da zona do Grande Porto, mas inclui também sujeitos de outras zonas do interior do nosso país, utilizando sempre conhecimentos pessoais e profissionais do autor deste trabalho. Os participantes são 71,6% do género feminino e 28,4% do género masculino. Relativamente às habilitações literárias dos participantes 30,7% têm a licenciatura, e os irmãos a que se reportam, 25,1% têm o ensino secundário. Quanto às profissões 35,1% situa-se no nível médio (S.A.R.L.). Relativamente ao estado civil, 30,5% são solteiros, casados ou em união de facto 62,3%, divorciados 7% e 3% são viúvos. 29,8% dos sujeitos vivem com os seus pais enquanto 70,2% já não vivem. Os inquiridos foram agrupados em três escalões etários, sendo o primeiro grupo constituído por indivíduos dos 20 aos 30 anos, o que representa 35,3%, o segundo grupo foi constituído por indivíduos dos 31 aos 40 anos o que corresponde a 38,3%, e o terceiro grupo é composto por indivíduos dos 41 aos 50 representando 26,4% da amostra. O tamanho da fratria, nesta amostra, varia entre dois e dezasseis elementos, sendo que a percentagem das fratrias com dois sujeitos é de 43,1% e as fratrias com cinco ou mais sujeitos corresponde a uma percentagem de 13,5%.

2. Instrumentos e procedimento

Apresentam-se seguidamente os instrumentos utilizados para atingir os objectivos do presente estudo, atendendo à sua estrutura proposta pelos autores e às qualidades psicométricas apontadas por estudos anteriores: o *Questionário da Relação de Irmãos Adultos (QRIA)* e o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*. Foi incluído ainda um questionário destinado à recolha de alguns dados de carácter sócio demográfico.

2.1. Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA

Uma adaptação do instrumento original *Adult Sibling Relationship Questionnaire*, desenvolvido por Lanthier *et al.* (1992), o QRIA é um questionário de auto-relato, com 81 itens, concebido para avaliar as percepções que os indivíduos têm acerca do seu comportamento e dos seus sentimentos em relação ao seu irmão, bem como as percepções que atribuem ao seu irmão acerca do seu próprio comportamento e sentimentos.

Os autores deste instrumento procederam a uma análise factorial em componentes principais (com rotação varimax), tendo verificado uma divisão em 3 factores que explicam 71% da variância total. O primeiro factor, *relação calorosa*, explica 41% da variância, e inclui, *suporte instrumental* (n = 4), itens: 15, 16, 61, 62; *suporte emocional* (n = 4), itens: 11, 12, 34, 35; *afecto* (n = 4), itens: 5, 6, 38, 39; *intimidade* (n = 8), itens: 2, 3, 24, 25, 28, 29, 57, 58; *admiração* (n = 6), itens: 9, 10, 32, 33, 55, 56; *conhecimento* (n = 10), itens: 21, 22, 44, 45, 47, 48, 51, 52, 67, 68 e *aceitação* (n = 6), itens: 19, 20, 42, 43, 65, 66. O segundo factor, o *conflito*, explica 21% da variância, e inclui, *antagonismo* (n = 4), itens: 26, 27, 49, 50; *poder* (n = 8), itens: 17, 18, 40, 41, 53, 54, 63, 64; *competição* (n = 7), itens: 4, 13, 14, 36, 37, 59, 60 e *desacordo* (n = 4), itens: 7, 8, 30, 31. O terceiro factor, *rivalidade*, que explica 9% da variância total, e inclui, o *tratamento diferencial paterno* (n = 6), itens: 72, 73, 76, 77, 80, 81 e *tratamento diferencial materno* (n = 6), itens: 70, 71, 74, 75, 78, 79. Todos os itens apresentaram valores de *alpha de Cronbach* entre 0,74 e 0,92.

Para todos os itens, excepto os itens relativos à dimensão *rivalidade*, foi utilizada uma escala de *Likert* de 5 pontos sendo 1 igual a pouco e 5 igual a muito. Para os itens relativos à rivalidade parental foi utilizada uma escala de *Likert*, que exprime o grau de preferência parental.

Este instrumento foi sujeito a uma tradução de Inglês para Português e a uma reflexão falada por um grupo de 9 indivíduos, com idades compreendidas entre os 25 e os 50 anos e com diferentes níveis de formação académica. Desta reflexão falada resultou principalmente a alteração das instruções fornecidas para a realização do questionário, dado que alguns indivíduos mostraram-se indecisos quando tinham mais do que um irmão. Assim, foi solicitado aos sujeitos que se posicionassem relativamente a um dos seus irmãos para responder ao questionário.

2.2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe – QVPM

Este instrumento de auto-relato (Matos & Costa, 2001, versão revista) foi constituído para avaliar as representações de jovens e jovens adultos acerca das suas relações com os seus pais, tendo por base a teoria da vinculação. Tem vindo a ser revisto desde a sua concepção (Matos, 2002) sendo a versão final do instrumento constituída por 30 itens agrupados em três dimensões: *inibição da exploração e da individualidade* (n = 10), itens: 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28; *Qualidade do laço emocional* (n = 10), itens: 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 27, 30 e *Ansiedade de separação e dependência* (n = 10), itens: 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 26, 29.

A primeira dimensão remete para atitudes parentais que dificultam a individuação; a segunda evidencia a atitude parental no que toca ao apoio emocional; salientando a terceira, na relação com os pais, dificuldades de separação e autonomia. A escala de resposta varia entre 1 – “Discordo totalmente” e 6 – “Concordo totalmente”, em que o participante é solicitado a expressar o grau de concordância com as afirmações apresentadas, mas separadamente para o pai e para a mãe.

A fiabilidade e a validade do instrumento foram demonstradas através de diversos estudos com amostras independentes de adolescentes e jovens adultos, portugueses (e. g. Barbosa, 2008; Moura, 2008; Moura, & Matos, 2008; Martins, Gouveia, Loja, & Costa, 2008; Santos, & Matos, 2007; Ramalho, 2008; Rocha, 2008; Vasconcelos, 2008), numa amostra de adolescentes alemães (Spill, 2007) e em amostras de adultos, utilizando uma versão retrospectiva (Abrantes, 2008; Duarte, 2005; Meireles, 2005), sendo sempre confirmada a sua estrutura factorial e os valores de *alpha de Cronbach* têm sido adequados em todas as dimensões, para o pai e para a mãe, oscilando entre 0,66 e 0,95.

No nosso estudo considerou-se pertinente proceder à alteração do tempo verbal, nos itens do QVPM, para o passado, dado que a nossa amostra é constituída por adultos. Assim, solicitamos aos participantes que se reportassem às experiências vividas na infância e/ou adolescência na relação com os seus próprios pais.

2.3. Questionário Sociodemográfico

Administramos aos participantes um questionário sócio demográfico (ver Anexo x), onde foram incluídas questões que permitem caracterizar a amostra relativamente a variáveis como: idade; sexo; nível de escolaridade que possuem; nível de escolaridade do irmão(a); estado civil; profissão e o número de irmãos que compõem a fratria. Além

destes aspectos, os participantes foram ainda questionados sobre a posição que ocupam na fratria, se vivem com os seus pais e o género do irmão a que se reportam quando respondem aos questionários.

3. Procedimento de administração dos instrumentos

Como o nosso estudo incide sobre a relação de irmãos adultos, desde logo excluímos da amostra sujeitos que fossem filhos únicos. Assim, antes da distribuição dos questionários procedeu-se a uma pequena entrevista com o objectivo de seleccionar indivíduos que tivessem pelo menos um irmão adulto, sendo nessa altura esclarecidos os objectivos gerais da investigação, salientando o carácter voluntário da participação no estudo e dadas instruções gerais de preenchimento de cada instrumento. Foi também assegurada a confidencialidade e o anonimato das respostas, sendo cada protocolo distribuído num envelope, o qual se solicitou aos participantes que o devolvessem fechado. Procurou-se que a recolha de dados, fosse diversificada no que toca aos contextos, classes sociais e idades.

Capítulo III.

Análises Estatísticas e Resultados

1. Estudo da qualidade psicométricas dos instrumentos

1.1. Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA

Atendendo ao facto do QRIA, tanto quanto nos foi/dado a conhecer, ser um instrumento de investigação utilizado pela primeira vez numa população Portuguesa, e só termos conhecimento da sua administração em estudos conduzidos por Stocker e colaboradores (1997), Stewart e colaboradores (1998), considerou-se, em primeiro lugar, pertinente proceder à testagem deste instrumento, recorrendo a análises factoriais exploratórias e confirmatórias da sua estrutura e à avaliação da sua consistência interna, procurando deste modo verificar as qualidades psicométricas do instrumento relativamente à amostra do estudo.

Utilizando o programa informático SPSS (versão 16.0) procedeu-se a uma análise factorial em componentes principais (com rotação varimax), condicionando a 3 factores. Os factores encontrados foram idênticos aos dos autores do instrumento, sendo que a saturação de todos os itens nos factores correspondentes é superior a.40. O primeiro factor refere-se à *relação calorosa*, que inclui, suporte instrumental, suporte emocional, afecto, intimidade, admiração, conhecimento e aceitação e explica 44% da variância; O segundo factor relaciona-se com o *conflito*, que inclui, antagonismo, poder, competição e *desacordo* e explica 21% da variância. O terceiro factor relaciona-se com a *rivalidade*, que inclui, o tratamento diferencial paterno e tratamento diferencial materno, explicando 9% da variância total, sendo que os três factores explicam assim 75,17% da variância total (vide anexo 4.).

Procedeu-se também à análise da consistência interna de cada uma das dimensões através do cálculo do valor de alpha Cronbach obtendo-se, bons índices de consistência interna para o factor *relação calorosa* um alpha de 0,95 e para o factor *conflito* um alpha de 0,86. No entanto para o factor *rivalidade* obtivemos um valor de alpha de 0,57. Tal poderá ser explicado pelo número reduzido de itens, apenas 2, que compõem esta subescala.

1.2. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPA

Relativamente ao Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe, um instrumento já amplamente testado e validado numa serie de estudos empíricos, na presente

investigação confirmaram-se os bons índices de consistência interna em todas as escalas que o constituem, obtendo-se *alphas* de *Cronbach* para a dimensão, *inibição da exploração e individualidade* ao pai de 0,84, e à mãe de 0,90; para a dimensão *qualidade do laço emocional*, obtiveram-se valores de *alpha* para o pai de 0,94 e para a mãe de 0,90; para as dimensões, *ansiedade de separação e dependência*, obtiveram-se valores de *alpha* de *Cronbach* de 0,89 para o pai e de 0,86 para a mãe.

Realizaram-se MANOVAs com o objectivo de analisar a variabilidade de cada uma das dimensões, o que permitiu encontrar configurações específicas na organização das dimensões da vinculação aos pais. Os critérios de interpretabilidade apoiaram uma solução de 4 *clusters* (Quadro?), equivalendo cada um aos protótipos de vinculação amorosa de *Bartholomew*.

Assim, na versão para a mãe, encontramos no *cluster 1* valores elevados de *inibição da exploração e individualidade* e moderados de *ansiedade de separação e dependência* parecendo evidenciar o protótipo de vinculação *amedrontado*. O *cluster 2* apresenta valores moderados de *qualidade do laço emocional*, contendo valores baixos de *ansiedade de separação e dependência*, e de *inibição da exploração e individualidade*, parecendo indicar os sujeitos *seguros*. O *cluster 3* contém valores elevados de *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência*, e valores mais baixos de *inibição da exploração e individualidade*, parecendo definir o protótipo de vinculação *preocupado*. Por último, o *cluster 4* com valores moderados de *inibição da exploração e individualidade* e baixos de *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência*, parece caracterizar o protótipo de vinculação *desinvestido* (vide Quadro 1.).

Na versão para o pai, encontramos no *cluster 1* valores elevados de *inibição da exploração e individualidade*, moderados de *ansiedade de separação e dependência* parecendo evidenciar o protótipo de vinculação *amedrontado*. O *cluster 2*, parecendo indicar os sujeitos *seguros*, apresenta valores moderados de *qualidade do laço emocional*, valores baixos de *ansiedade de separação e dependência* e de *inibição da exploração e individualidade*. O *cluster 3*, parecendo definir o protótipo de vinculação *preocupado*, apresenta valores elevados de *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência* e valores baixos de *inibição da exploração e individualidade*. Por último, o *cluster 4* que parece caracterizar o protótipo de vinculação *desinvestido*, apresenta valores moderados de *inibição da exploração e individualidade* e baixos valores de *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência* (vide Quadro 2.).

Quadro 1.*Análise de clusters do QVPM – mãe.*

<i>Cluster</i>	Amedrontado	Seguro	Preocupado	Desinvestido
Dimensão	n = 120	n = 125	n = 105	n = 52
QLE	5,02 ^b	5,16 ^b	5,71 ^a	3,30 ^c
ASD	4,07 ^b	3,17 ^c	4,79 ^a	2,59 ^d
IEI	4,87 ^a	2,31 ^c	2,09 ^c	3,40 ^b

Quadro 2.*Análise de clusters do QVPM – pai.*

<i>Cluster</i>	Amedrontado	Seguro	Preocupado	Desinvestido
Dimensão	n = 109	n = 126	n = 99	n = 68
QLE	4,93 ^b	5,08 ^b	5,70 ^a	2,80 ^c
ASD	3,96 ^b	3,23 ^c	4,85 ^a	2,24 ^d
IEI	4,02 ^a	2,30 ^c	2,04 ^d	3,35 ^b

Nota. Valores mais elevados indicam níveis superiores de qualidade do laço emocional, ansiedade de separação e dependência, e inibição da exploração e individualidade. Diferentes letras indicam diferenças significativas ($p < .05$) entre os valores de cada cluster ao nível dimensional.

2. Resultados**2.1. Análises correlacionais**

Como se observa no quadro 3, as correlações entre as várias dimensões, apresentam maioritariamente resultados estatisticamente significativos. No entanto, a única dimensão pertencente à relação de irmãos que tem associações significativas com todas as dimensões respeitantes à vinculação às figuras parentais é a de *relação calorosa*, sendo estas associações positivas e moderadas com as dimensões de *qualidade do laço emocional* e baixas com as dimensões de *ansiedade de separação e dependência*, e negativas e baixas com as dimensões de *inibição da exploração e da individualidade*. Relativamente ao *conflito* verifica-se a existência de associações positivas fracas com as dimensões de *inibição da exploração e individualidade*, e um índice de correlação negativo e baixo com a dimensão da *qualidade do laço emocional* ao pai. Já a *rivalidade* apresenta apenas associações positivas e baixas com as dimensões de *inibição da exploração e individualidade*.

Quadro 3.*Correlações de Pearson entre o QRIA e o QVPM*

	Mãe - QLE	Mãe - ASD	Mãe - IEI	Pai - QLE	Pai - ASD	Pai - IEI
Relação	.442**	.382**	-.189**	.408**	.367**	-.153**
Calorosa						
Conflito	.000	.066	.241**	-.103*	.025	.258**
Rivalidade	-.027	-.009	.193**	-.009	.017	.172**

Nota. *p. < .05; ** p. < .01

2.2. Efeitos demográficos

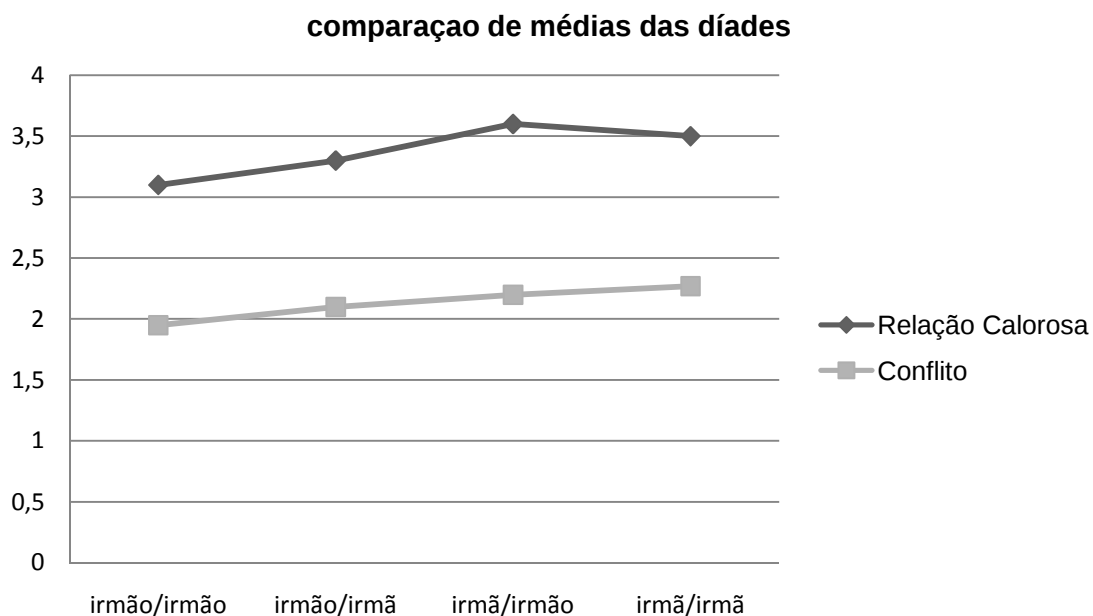
Análises de variância multivariada (MANOVAs) com um nível de significância de 5% ($p \leq .05$) efectuadas com o objectivo de identificar possíveis diferenças nas dimensões em estudo. Verificou-se um efeito significativo da variável **idade** nas dimensões da *relação de irmãos adultos* ($F_{(3,383)}=7,989$, $p < .05$). Este efeito verificou-se na dimensão *conflito* ($F_{(2,385)}=12,156$, $p < .05$). Os sujeitos de 41 a 50 anos de idade têm menor percepção de conflito do que os restantes sujeitos (entre 31 a 40, $M=2,20$; $DP=0,70$; entre os 20 e os 30, $M=2,34$; $DP=0,63$). Foi encontrado um efeito da variável idade na dimensão *relação calorosa* ($F_{(2,385)}=11,058$, $p < .05$), sendo que o grupo de sujeitos mais novos ($M=3,68$; $DP=0,76$) percebem a relação entre irmãos como mais calorosa do que os grupos de sujeitos mais velhos (entre 31 e 40 anos, $M=3,39$; $DP=0,86$; de 41 a 50 anos, $M=3,18$; $DP=0,87$).

Encontrou-se um efeito significativo do **sexo** nas dimensões da relação de irmãos adultos ($F_{(3,384)}=9,727$, $p=.000$). Este efeito verificou-se nas dimensões de *relação calorosa* ($F_{(1,386)}=19,524$, $p=.000$) e na dimensão do *conflito* ($F_{(1,386)}=10,348$, $p < .05$). Os sujeitos do sexo feminino percebem as suas relações com os seus irmãos mais calorosas do que os sujeitos do sexo masculino ($M=3,55$; $DP=0,05$; $M=3,14$; $DP=0,08$, respectivamente) e também mais conflituosas ($M=2,25$; $DP=0,04$; $M=2,00$; $DP=0,07$, respectivamente).

Os sujeitos também indicaram o género do irmão a que se referiam nas dimensões da relação de irmãos adultos. Tendo-se evidenciado um efeito significativo do sexo do sujeito, quisemos saber se as relações entre irmãos do mesmo sexo ou de sexos diferentes se diferenciam nestas dimensões. Para tal foi criada uma variável na qual se emparelharam o sexo do sujeito e o sexo do irmão a que o respondente se reportou, compreendendo quatro categorias (1= feminino/irmã; 2= masculino/irmão; 3=

feminino/irmão; 4= masculino/irmã). Constatou-se um efeito significativo da variável **género do irmão consoante o sexo do sujeito**, nas dimensões da relação de irmãos adultos ($F_{(3,374)}=3,275$, $p.<.001$) (**vide fig. 1**). Este efeito verificou-se na dimensão do *conflito* ($F_{(3,376)}=3,911$, $p. <.05$) e na dimensão *relação calorosa* ($F_{(3,376)}=6,420$, $p. =.000$). Relativamente à dimensão *conflito*, constatou-se que os homens têm uma menor percepção de conflito na relação com um irmão do mesmo género ($M=1,95$; $DP=0,60$) do que as mulheres quando se relacionam com uma irmã ($M=2,27$; $DP=0,69$). Relativamente à *relação calorosa*, constata-se que os sujeitos que se referem a uma relação irmão/irmão percebem uma menor proximidade na relação ($M=3,10$; $DP=0,89$) do que os sujeitos que se referem a uma relação irmã/irmã ($M=3,55$; $DP=0,84$) e do que os sujeitos que se referem a uma relação irmã/irmão ($M=3,57$; $DP=0,83$) (sujeitos do sexo feminino que se referem a um irmão do sexo masculino).

Figura 1.



Encontrou-se um efeito significativo da variável **estado civil** nas dimensões da relação de irmãos adultos ($F_{(3,382)}=7,202$, $p.=.000$). Este efeito verifica-se nas dimensões de *conflito* ($F_{(2,384)}=18,216$, $p.=.000$) e na *relação calorosa* ($F_{(2,384)}=3,626$, $p.=.000$). Relativamente à dimensão *conflito*, verifica-se que os sujeitos solteiros e os divorciados têm uma maior percepção de conflito ($M=2,45$; $DP=0,06$; $M=2,33$; $DP=0,13$, respectivamente) do que os sujeitos casados ou em união de facto ($M=2,02$; $DP=0,04$).

Na dimensão *relação calorosa*, os sujeitos divorciados percebem as suas relações com os seus irmãos menos calorosas ($M=3,02$; $DP=0,17$) do que os sujeitos casados ou em união de facto ($M=3,45$; $DP=0,05$) e do que os sujeitos solteiros ($M=3,50$; $DP=0,08$).

Foi evidenciado um efeito significativo da variável **tamanho da fratria** nas dimensões da relação de irmãos adultos ($F_{(3,381)}=2,160$, $p<.05$). Este efeito refere-se apenas à dimensão *conflito* ($F_{(3,383)}=3,445$, $p<.05$). Consta-se que os sujeitos que compõem fratrias iguais ou maiores do que cinco irmãos, têm uma percepção de menor conflito nas suas relações com os seus irmãos ($M=1,93$; $DP=0,09$) do que os sujeitos que compõem fratrias com apenas dois elementos ($M=2,27$; $DP=0,08$) ou três ($M=2,19$; $DP=0,08$).

Verificou-se um efeito significativo da variável **posição na fratria** nas relações de irmãos adultos ($F_{(3,377)}=1,655$, $p=.000$). Este efeito revela-se apenas na dimensão *rivalidade* ($F_{(3,379)}=3,270$, $p<.05$). Estas diferenças salientam-se entre aqueles que ocupam a primeira posição na fratria e aqueles que ocupam a terceira, sendo que os primeiros filhos evidenciam maior percepção de rivalidade pela atenção parental ($M=2,97$; $DP=0,63$) do que os terceiros ($M=2,62$; $DP=0,79$).

Encontramos um efeito significativo da variável **vive com os pais** nas dimensões da relação de irmãos adultos ($F_{(3,382)}=7,292$, $p=.000$). Este efeito verificou-se apenas na dimensão conflito ($F_{(1,384)}=19,506$, $p=.000$). Os sujeitos que já não vivem com os pais têm uma percepção de menor conflito nas suas relações com os seus irmãos ($M=2,08$; $DP=0,67$) do que os sujeitos que ainda vivem com os pais ($M=2,41$; $DP=0,71$).

As variáveis demográficas foram também analisadas em relação às dimensões do *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)*, tendo-se verificado um efeito significativo das categorias de idade nas dimensões de vinculação ao pai e à mãe ($F_{(6,390)}=5,167$, $p<.05$). Este efeito evidenciou-se apenas nas dimensões de *ansiedade de separação e dependência* à mãe ($F_{(2,395)}=21,199$, $p=.000$), *ansiedade de separação e dependência* ao pai ($F_{(2,395)}=10,134$, $p=.000$) e *qualidade do laço emocional* à mãe ($F_{(2,395)}=5,397$, $p<.05$). No que diz respeito às dimensões de *ansiedade de separação e dependência*, verifica-se que os sujeitos com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos têm uma maior percepção de *ansiedade de separação e dependência* (pai, $M=3,96$; $DP=1,19$; mãe, $M=4,19$; $DP=1,01$) do que os sujeitos entre os 31 a 40 anos de idade (pai, $M=3,58$; $DP=0,98$; mãe, $M=3,63$; $DP=0,90$) e do que os sujeitos do grupo dos 41 aos 50 (pai, $M=3,37$; $DP=0,95$; mãe, $M=3,48$; $DP=0,88$). Relativamente à dimensão *qualidade do laço emocional* à mãe verifica-se também que os sujeitos mais

novos apresentam valores mais elevados ($M=5,19$; $DP=0,87$) do que os sujeitos com 41 ou mais anos de idade ($M=4,82$; $DP=0,93$).

Verificou-se um efeito significativo da variável **sexo** nas dimensões de vinculação ($F_{(6,391)}=6,029$, $p<.05$). Este efeito verifica-se apenas nas dimensões de *ansiedade de separação e dependência à mãe* ($F_{(1,396)}=24,959$, $p=.000$), *qualidade do laço emocional ao pai* ($F_{(1,396)}=9,354$, $p<.05$) e *ansiedade de separação e dependência ao pai* ($F_{(1,396)}=22,107$, $p=.000$).

No que diz respeito às dimensões de *ansiedade de separação e dependência*, verifica-se que os sujeitos do sexo feminino evidenciam uma maior percepção de *ansiedade de separação e dependência* do que os sujeitos do sexo masculino, relativamente ao pai (sexo feminino, $M=3,82$ $DP=1,06$; sexo masculino, $M=3,27$; $DP=1,03$), e à mãe (sexo feminino, $M=3,94$; $DP=0,94$; sexo masculino, $M=3,41$; $DP=1,00$). No que concerne à *qualidade do laço emocional* ao pai, verifica-se que os sujeitos do sexo feminino apresentam valores mais elevados ($M=4,92$; $DP=1,05$) do que os sujeitos do sexo masculino ($M=4,55$; $DP=1,14$).

Verificou-se também um efeito significativo da variável **estado civil**, nas dimensões da vinculação ($F_{(6,388)}=2,634$, $p<.05$). Este efeito verificou-se nas dimensões de *qualidade do laço emocional* ao pai ($F_{(2,393)}=3,311$, $p<.05$), *inibição de exploração individual à mãe* ($F_{(2,393)}=3,666$, $p<.05$) e *ansiedade de separação e dependência à mãe* ($F_{(2,393)}=4,729$, $p<.05$). No que diz respeito à *qualidade do laço emocional* ao pai, os sujeitos divorciados apresentam valores mais baixos ($M=4,31$; $DP=1,47$) do que os sujeitos casados ou em união de facto ($M=4,86$; $DP=1,00$). Relativamente à dimensão *inibição de exploração individual* à mãe, constatou-se que os sujeitos divorciados têm valores mais elevados ($M=3,44$; $DP=0,20$) do que os sujeitos casados ou em união de facto ($M=2,91$; $DP=0,07$) e do que os indivíduos solteiros ($M=2,84$; $DP=0,10$). Na dimensão *ansiedade de separação e dependência* à mãe, os indivíduos divorciados evidenciam menor ansiedade de separação e dependência ($M=3,36$; $DP=0,19$) do que os sujeitos solteiros ($M=4,00$; $DP=0,09$).

A variável **tamanho da fratria** também evidenciou um efeito significativo nas dimensões de vinculação aos pais ($F_{(6,388)}=2,075$, $p<.05$), nomeadamente nas dimensões de *qualidade do laço emocional* ao pai ($F_{(3,393)}=3,443$, $p<.05$), e de *ansiedade de separação e dependência ao pai* ($F_{(3,393)}=3,485$, $p<.05$). Relativamente à *qualidade do laço emocional* ao pai, os sujeitos que têm um irmão apresentam valores mais elevados ($M=5,01$; $DP=0,08$) comparativamente com os sujeitos que têm dois irmãos ($M=4,62$; $DP=0,12$) e com aqueles que têm três ou quatro irmãos ($M=4,67$; $DP=0,12$). Já na dimensão *ansiedade de separação e dependência ao pai*, verifica-se

que os sujeitos que têm dois irmãos ($M=3,37$; $DP=0,12$), apresentam menor ansiedade do que os sujeitos que têm apenas um irmão ($M=3,76$; $DP=0,08$) e do que os sujeitos que têm cinco ou mais irmãos ($M=3,88$; $DP=0,15$).

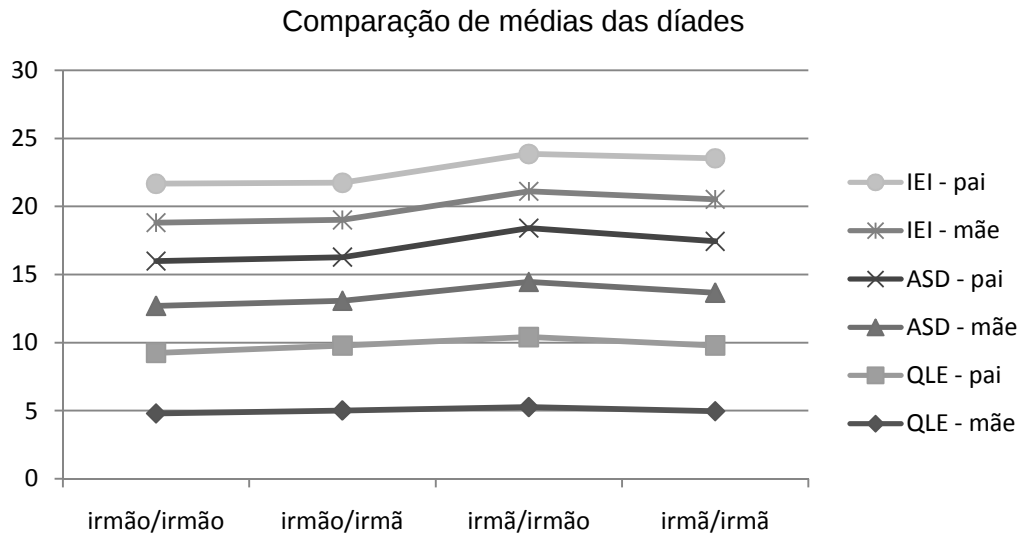
Detectaram-se efeitos significativos da variável **vive com os pais** nas dimensões de vinculação aos pais ($F_{(6,388)}=3,027$, $p.<.05$), designadamente nas dimensões *qualidade do laço emocional* à mãe ($F_{(1,393)}=10,986$, $p.<.05$), *ansiedade de separação e dependência* à mãe ($F_{(1,393)}=12,765$, $p.=.000$), e *ansiedade de separação e dependência* ao pai ($F_{(1,393)}=7,857$, $p.<.05$), sendo que os sujeitos que vivem com os pais apresentam valores mais elevados em todas as dimensões mencionadas ($M=5,25$; $DP=0,72$; $M=4,05$; $DP=1,03$; $M=3,89$; $DP=1,17$, respectivamente) do que os sujeitos que não vivem com os pais ($M=4,94$; $DP=0,93$; $M=3,68$; $DP=0,94$; $M=3,56$; $DP=1,02$).

Verificou-se um efeito significativo da variável **género do irmão consoante o sexo do sujeito**, nas dimensões de vinculação aos pais ($F_{(6,381)}=3,090$, $p.=.000$). Este efeito encontrou-se nas dimensões *qualidade do laço emocional* ao pai ($F_{(3,386)}=6,210$, $p.=.000$), *ansiedade de separação e dependência* ao pai ($F_{(3,386)}=8,324$, $p.=.000$), inibição de exploração e individualidade à mãe ($F_{(3,386)}=3,853$, $p.<.05$), *ansiedade de separação e dependência* à mãe ($F_{(3,386)}=9,250$, $p.=.000$) e *qualidade do laço emocional* à mãe ($F_{(3,386)}=4,699$, $p.<.05$). Quando as mulheres se reportam a um irmão (irmã/irmão) têm maior percepção de *qualidade do laço emocional* ao pai ($M=5,13$; $DP=0,82$) do que os homens quando se reportam a um irmão (irmão/irmão) ($M=4,44$; $DP=1,21$). No que toca à dimensão *ansiedade de separação e dependência* ao pai, os sujeitos que se referem a uma relação (irmã/irmão) percebem maior *ansiedade de separação e dependência* ao pai ($M=3,94$; $DP=1,00$) do que os sujeitos que se reportam a uma relação (irmão/irmão) ($M=3,29$; $DP=1,17$) e do que os sujeitos que têm uma relação (irmão/irmã) ($M=3,20$; $DP=0,66$). Estes últimos apresentam níveis superiores de *ansiedade de separação e dependência* ao pai comparativamente aos sujeitos que se inserem numa relação (irmão/irmão).

Relativamente à dimensão *inibição da exploração e individualidade* à mãe, as mulheres quando se relacionam com uma irmã (irmã/irmã) têm uma maior percepção de *inibição de exploração e individualidade* ($M=3,11$; $DP=1,11$) do que quando se relacionam com um irmão (irmão/irmão) ($M=2,72$; $DP=1,01$). Relativamente à dimensão *ansiedade de separação e dependência* à mãe, são as mulheres que apresentam maiores níveis de ansiedade quer se refiram a uma irmã (irmã/irmã) ($M=3,88$; $DP=0,96$) ou a um irmão (irmão/irmão) ($M=4,05$; $DP=0,91$), comparativamente com os homens, também independentemente de se referirem a um irmão (irmão/irmão) ($M=3,45$; $DP=1,11$) ou a uma irmã (irmão/irmã) ($M=3,30$; $DP=0,72$). Quanto à dimensão

qualidade do laço emocional à mãe, verifica-se que as mulheres na sua relação com irmãos do sexo oposto apresentam maior *qualidade do laço emocional* à mãe (irmã/irmão, $M=5,28$; $DP=0,64$; irmão/irmã, $M=5,03$; $DP=0,77$) do que os sujeitos que se relacionam com irmãos do mesmo género (irmã/irmã, $M=4,98$; $DP=0,94$; irmão/irmão, $M=4,81$; $DP=1,01$) (vide figura 2.).

Figura 2.



2.3. Efeitos dos protótipos de vinculação

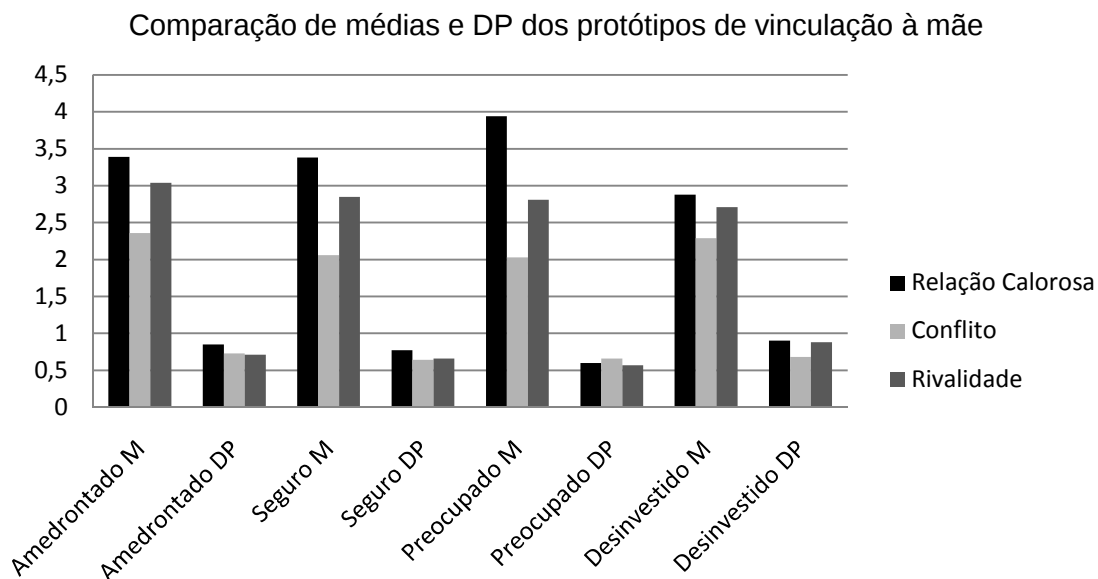
No que diz respeito à vinculação à mãe, foi observado um efeito univariado significativo do *cluster* ($F_{(3,382)} = 14,04$; $p=.000$) nas dimensões de *relação calorosa* ($F_{(3,384)}=32,509$; $p=.000$) e *conflito* ($F_{(3,384)}=10,944$; $p=.000$). No que diz respeito à primeira, constataram-se diferenças significativas entre todas as configurações prototípicas à excepção dos padrões *seguro* e *amedrontado*, sendo os sujeitos inseridos no protótipo *preocupado* aqueles que apresentam valores mais elevados, e os sujeitos classificados como *desinvestidos* os que revelam valores mais baixos, comparativamente a todos os outros. Em relação ao *conflito*, verifica-se que o protótipo *amedrontado* apresenta valores significativamente mais elevados do que todos os outros protótipos (vide quadro 4, figura 3.).

Quadro 4.

Médias e desvios padrões nas dimensões de relação de irmãos adultos que revelaram diferenças significativas em função dos protótipos de vinculação à mãe.

	Amedrontado		Seguro		Preocupado		Desinvestido		Diferenças
	a		b		c		d		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	
Relação calorosa	3,44	.81	3,34	.74	3,93	.58	2,63	.97	a > d; b > d c > a,b,d
Conflito	2,46	.73	2,13	.70	2,00	.58	1,98	.59	a > b,c,d

Nota: Valores mais elevados indicam níveis superiores em cada dimensão. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada protótipo. Todas as diferenças são significativas a $p. < .05$.

Figura 3.

Também no que diz respeito à vinculação ao pai, foi encontrado um efeito significativo univariado do *cluster* nas dimensões da *relação de irmãos adultos* ($F_{(3,382)}=11,051$, $p=.000$) e em todas as dimensões, nomeadamente na *relação calorosa* ($F_{(3,384)}=24,371$, $p=.000$), *conflito* ($F_{(3,384)}=5,612$, $p. < .05$) e *rivalidade* ($F_{(3,384)}=3,456$; $p. < .05$). Quanto à dimensão *relação calorosa* revelaram-se os mesmos efeitos obtidos nos protótipos de vinculação respeitantes à mãe, sendo também o *preocupado* aquele que evidencia valores mais elevados e o *desinvestido* o que patenteia valores mais baixos, quando comparados com todas as outras classificações, não se verificando diferenças significativas apenas entre os padrões *seguro* e *amedrontado*. Os resultados revelam-

se no entanto diferentes nas restantes dimensões, sendo que na dimensão *conflito* os sujeitos *amedrontados* demonstram valores mais elevados apenas relativamente aos sujeitos inseridos nos protótipos *seguro* e *preocupado*, e que evidenciaram diferenças significativas na dimensão *rivalidade*, com o padrão *amedrontado* a apresentar valores significativamente mais altos do que o *desinvestido* (vide quadro 5, figura 4.).

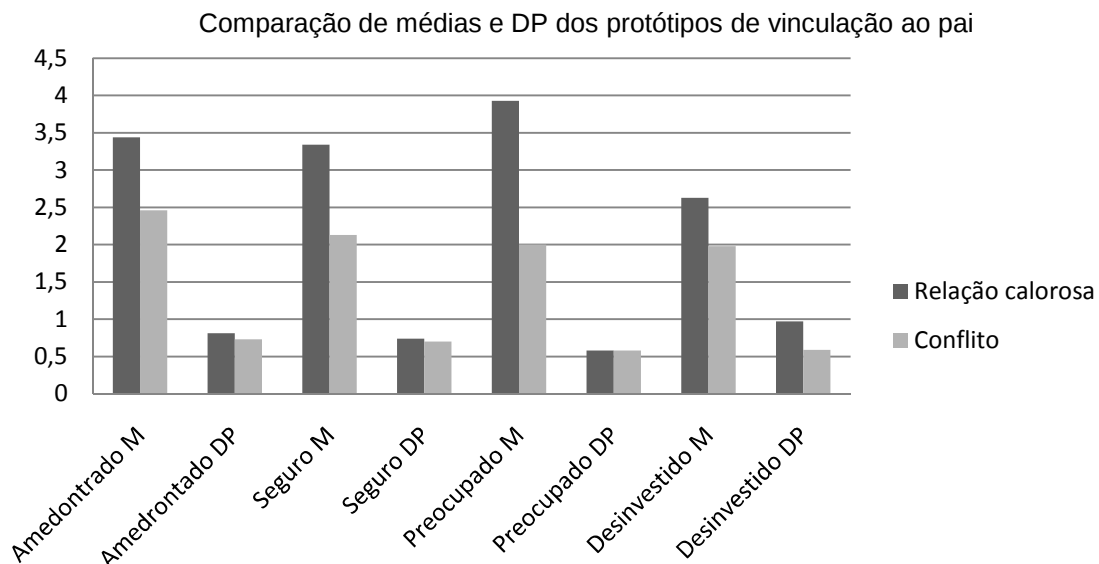
Quadro 5.

Médias e desvios padrões nas dimensões de relação de irmãos adultos em função dos protótipos de vinculação ao pai.

	Amedrontado		Seguro		Preocupado		Desinvestido		
	a		b		c		d		
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP	Diferenças
Relação calorosa	3,39	.85	3,38	.77	3,94	.60	2,88	.90	a > d; b > d c > a,b,d
Conflito	2,36	.73	2,06	.64	2,03	.66	2,29	.68	a > b,c
Rivalidade	3,04	.71	2,85	.66	2,81	.57	2,71	.88	a > d

Nota. Valores mais elevados indicam níveis superiores em cada dimensão. Diferentes letras indicam diferenças significativas entre os valores de cada protótipo. Todas as diferenças são significativas a $p. < .05$.

Figura 4.



Capítulo IV.

Discussão e considerações Finais

1. Discussão dos resultados

O presente estudo pretendeu contribuir para aprofundar o conhecimento acerca das percepções de conflito nas relações entre irmãos adultos. Assim, neste capítulo procuraremos interpretar os resultados que se apresentaram estatisticamente significativos nas análises realizadas (correlações e análises de variância multivariada) debatendo acerca das suas principais implicações no âmbito da investigação neste domínio. Finalmente, salientaremos as principais vantagens e limitações deste estudo e lançaremos pistas para investigações futuras.

1.1. Relação entre as dimensões do QRIA e do QVPM

As dimensões *qualidade do laço emocional* e de *ansiedade de separação e dependência* a ambos os pais, apresentam associações positivas significativas com a dimensão *relação calorosa*. Os indivíduos adultos que apresentam efeitos significativos na *qualidade do laço emocional* aos pais, percebem as relações com os seus irmãos mais calorosas.

A dimensão *relação calorosa* apresenta uma associação negativa significativa com a dimensão *inibição da exploração e individualidade* a ambos os pais, podendo significar que os sujeitos que percebem as relações com os irmãos menos calorosas, têm representações de menor *inibição da exploração e individualidade* às figuras vinculares.

Na dimensão *conflito*, verifica-se uma associação positiva significativa com a dimensão *inibição da exploração e individualidade*, a ambos os pais, o que pode significar que os indivíduos que percebem as relações com os irmãos mais conflituosas, têm representações de maior *inibição da exploração e individualidade* às figuras vinculares. Ainda no que diz respeito ao *conflito* constata-se uma associação negativa significativa à dimensão *qualidade do laço emocional* ao pai, podendo significar que os sujeitos que percebem as relações com os irmãos menos conflituosas, têm representações de menor *qualidade do laço emocional* à figura vincular.

A dimensão *rivalidade* apresenta uma associação positiva significativa com a dimensão *inibição da exploração e individualidade* a ambos os pais, podendo significar

que os sujeitos que têm uma percepção de rivalidade nas relações com os irmãos, têm representações de *inibição da exploração e individualidade* às figuras vinculativas.

1.2. Análises diferenciais

No nosso estudo, os sujeitos mais novos percebem as suas relações fraternais mais calorosas do que os participantes mais velhos, o que é consistente com os resultados encontrados por Lee e colaboradores (2001), que apontam no sentido de a proximidade emocional e o contacto entre irmãos decrescer moderadamente na idade adulta. A percepção de uma relação mais calorosa com os irmãos, por parte dos mais novos, pode estar relacionada com o facto de estes indivíduos ainda estarem em maior número a viver em casa dos seus pais e, por isso, em contacto mais constante com os irmãos.

Se considerarmos as mudanças verificadas na sociedade portuguesa no período subsequente à Revolução de Abril de 1974, e mais concretamente as mudanças na família no que concerne às atitudes relativas ao modo como eram encarados os papéis parentais, que parecem ter sofrido alterações no sentido de um aumento de proximidade nas relações pais-filhos, talvez possamos atribuir também os resultados encontrados neste estudo a estas questões culturais e às transformações sociais na conceptualização dos papéis parentais, como potenciadores do estabelecimento na família e na fratria de relações mais calorosas.

Assim sendo, se conjecturarmos que os pais dos sujeitos que constituem este grupo etário, são também mais jovens do que os pais dos sujeitos que formam os grupos dos participantes mais velhos, e se assim for, terão eventualmente acedido a diferentes estilos educativos, podemos questionar se esta percepção de maior afectuosidade na relação de irmãos, por parte dos mais novos, poderá ser atribuída à mudança nas relações dentro da fratria na família de origem.

Simultaneamente, no presente estudo os sujeitos mais novos percebem a sua relação com os irmãos mais conflituosa do que os sujeitos mais velhos, porém, como se pode observar na nossa revisão bibliográfica os estudos têm sido inconsistentes. Alguns estudos indicam um aumento do conflito na relação de irmãos mais velhos (Stewart *et al.*, 1998; Searcy *et al.*, 1992) enquanto outros constataram que os irmãos jovens adultos podem experienciar elevados níveis de afecto nas suas relações e baixos níveis de conflito (Short *et al.*, 1997). As inconsistências verificadas podem ser devidas a diferentes metodologias e a populações diversas (ressalve-se ainda a forma como o conflito poderá ser encarado de modo diverso por diferentes

instrumentos), utilizadas pelos investigadores nos escassos estudos encontrados, pelo que mais investigação será necessária para aprofundar o conhecimento destas dimensões.

Relativamente ao conflito e à afectuosidade simultaneamente percebidos pelos mais novos nas suas relações com os irmãos, se postularmos que os mais novos são os que vivem ainda com os pais e por conseguinte com os irmãos, este resultado é consistente com o estudo de Lee e colaboradores (1990). No mesmo sentido Stocker e colaboradores (1997), salientaram que os irmãos adultos geralmente vivem mais distantes e em casas separadas, podem escolher a quantidade de contacto que têm entre si, vivenciando assim menos conflito.

Como se pode observar, os estudos neste domínio são escassos e inconsistentes, o que nos leva a sugerir mais estudos nesta área que possam contribuir para o aprofundamento do tema em análise, tendo em conta que na idade adulta as diferenças desenvolvimentais entre os irmãos são menos salientes do que em crianças, e por conseguinte os irmãos adultos podem ter uma relação mais igualitária (Stocker *et al.*, 1997).

No presente estudo os sujeitos mais novos evidenciam índices mais elevados de qualidade de laço emocional à mãe e de ansiedade de separação e dependência ao pai do que os sujeitos mais velhos. Verifica-se que os sujeitos representam a relação com cada um dos pais de forma diferenciada, reportando-se à mãe como uma figura fundamental e única no seu desenvolvimento, alguém que lhe confere segurança e com quem podem contar para os apoiar em situações difíceis, prevendo com ela uma relação duradoura. Relativamente ao pai, os sujeitos têm uma representação de uma relação que remete para memórias de experiências de ansiedade e de medo (Matos, 2002).

Os valores mais elevados, nas dimensões acima referidas, evidenciados pelos sujeitos mais novos, remetem para a discussão da continuidade/descontinuidade dos padrões de vinculação ao longo do tempo, sendo que os resultados da investigação referem a organização da vinculação como um processo dinâmico ao longo do ciclo vital, caracterizado por uma combinação de processos de estabilidade e mudança, intrinsecamente ligado com a qualidade dos acontecimentos de vida e os contextos em que o sujeito participa (Matos, 2002).

Relativamente ao género, as mulheres percebem as suas relações com os irmãos, mais calorosas e mais conflituosas do que os homens, o que relativamente ao conflito, é consistente com o estudo conduzido por Stocker e colaboradores (1997) que

constataram que irmãos de géneros diferentes evidenciavam menor conflito nas suas relações do que irmãos do mesmo género. Os participantes que tinham uma irmã reportavam mais afecto e mais conflito nas suas relações do que aqueles que tinham um irmão. Noutros estudos foi encontrado que as mulheres sentiam as suas relações com os seus irmãos significativamente mais próximas do que os homens, geralmente mais recíprocas e caracterizadas por afectos mais positivos (Pulakos, 2001; Connidis, 2001), mantêm mais contacto e partilham mais conselhos entre si do que outros pares de irmãos, no entanto, os estudos têm sido muito inconsistentes (Spitze *et al.*, 2006). A inconsistência dos estudos neste domínio, leva-nos a levantar a questão da validade das comparações entre géneros. Será lícito comparar aquilo que é, naturalmente, diferente? Num estudo conduzido por Floyd (Sd.), constatou-se que tanto as mulheres como os homens reportam percepções de proximidade semelhantes, porém a forma como se manifestam é que é diferente.

Os papéis esperados socialmente, consoante o género, provavelmente variam em função da cultura onde os sujeitos se inserem, o que nos leva a supor que as transformações sociais e culturais verificadas nas últimas décadas, nomeadamente em Portugal, podem ter contribuído para uma mudança na forma como são conceptualizados os papéis atribuídos a homens e a mulheres, o que nos faz conjecturar que seria necessário realizar mais estudos neste domínio com populações portuguesas, dado que a maioria dos estudos existentes têm sido efectuados com populações norte-americanas.

As mulheres, no presente estudo evidenciam índices mais elevados de ansiedade de separação e dependência, e de qualidade do laço emocional ao pai, o que sugere que as participantes que mantinham com o pai elevados índices de qualidade emocional também evidenciam níveis elevados de ansiedade de separação e dependência, o que pode fazer sentido à luz da teoria da vinculação. Bowlby (1969), salienta que numa família onde a qualidade do laço emocional seja elevada nas relações entre os seus membros poderá haver algum receio dos filhos em se separar dos pais, dado que são estes que geralmente lhe proporcionam apoio e funcionam como base segura de exploração do mundo, separação essa que causa alguma insegurança e ansiedade, mas que não são necessariamente negativas.

No que toca ao estado civil, os indivíduos divorciados percebem as suas relações fraternais menos calorosas do que todos os outros (casados, união de facto e solteiros). Estes resultados contrariam os estudos de Connidis (1992) que salienta uma maior proximidade emocional, contacto mais frequente e apoio, e o de White (2001) que

refere que o contacto entre os irmãos e as trocas de ajuda mútua aumentam em situações de divórcio. Será que as diferenças verificadas no nosso estudo, comparativamente com os estudos dos autores acima referidos, podem ser atribuídas a questões culturais? As transformações sociais em Portugal nos últimos anos têm sido muitas e têm ocorrido aceleradamente, não facilitando aos indivíduos a adaptação, o que pode também ser eventualmente aplicado ao divórcio, dado tratar-se de uma transição não normativa, no nosso país, comparativamente com outros onde este fenómeno seja encarado com maior normalidade. Será que estes sujeitos estão ainda de tal forma envolvidos na tarefa da separação e portanto a vivenciar um conflito, e que tal os afaste da família? De qualquer modo os sujeitos divorciados na nossa amostra são em número reduzido (n=27) pelo que mais estudos são necessários.

Os divorciados e os solteiros têm uma percepção de maior conflito nas suas relações com os irmãos do que os casados e união de facto. Esta diferença poderá ser atribuída ao facto de os casados e os que vivem em união de facto, viverem outra relação com a família que eles próprios constituíram e a sua relação com os irmãos não ser tão central nas suas vidas. Os casados apresentam uma melhoria na relação com os irmãos, embora se denote menor frequência de contacto e de proximidade (Connidis, 1992). O menor contacto dos casados com os irmãos, pode estar relacionado com diferentes tarefas desenvolvimentais que se impõe aos casados nesta fase da vida. Será que uma baixa frequência de contacto entre irmãos pode ser interpretada como reveladora de uma relação com reduzidos níveis de satisfação? E por outro lado, os contactos frequentes entre irmãos podem ser considerados indicadores da existência de uma relação calorosa? Ou estes contactos poderão apenas corresponder ao que é socialmente esperado dos irmãos?

No que concerne às dimensões da vinculação, os sujeitos divorciados evidenciam índices mais baixos de qualidade do laço emocional ao pai e de ansiedade de separação e dependência à mãe comparativamente aos casados, e valores mais elevados de inibição da exploração e individualidade à mãe comparativamente aos casados e solteiros. Os divorciados representam a relação com as suas mães, como sendo reveladoras de uma relação de experiências de medo da separação e simultaneamente, inibidora da exploração da individualidade e do mundo. A experiência de uma relação falhada pode ter contribuído para que as representações de vinculação aos pais, dos sujeitos divorciados, apresente valores mais baixos de qualidade do laço emocional ao pai, e de ansiedade de separação e dependência à mãe do que os sujeitos casados, e maior inibição da exploração e individualidade à mãe do que os indivíduos casados e do que os solteiros. Será que os indivíduos divorciados, no

momento da sua participação no presente estudo, já tinham feito o luto da relação conjugal? Esta questão parece-nos pertinente dada a influência que a resolução dos conflitos pode ter quer nas representações dos sujeitos, quer nas suas relações futuras.

Os níveis mais elevados de qualidade do laço emocional ao pai, e de ansiedade de separação e dependência à mãe, evidenciados pelos sujeitos casados comparativamente aos divorciados, podem sugerir que as relações de vinculação pautadas pela qualidade do laço emocional, embora acompanhadas por níveis também elevados de ansiedade de separação e dependência, mesmo a progenitores diferentes, podem contribuir para que os sujeitos tenham relações conjugais mais satisfatórias? Ou serão essas mesmas relações conjugais que por serem satisfatórias influenciam as representações dos sujeitos relativamente às suas relações com os seus pais?

Quanto ao tamanho das fratrias, constatou-se que os indivíduos que fizeram ou fazem parte de fratrias maiores, têm uma menor percepção de conflito na relação com os seus irmãos do que aqueles que viveram ou vivem em fratrias mais pequenas. O que poderá ser explicado com outras variáveis que não foram controladas neste estudo, como por exemplo o espaço de idade entre os irmãos. Segundo Furman e colaboradores (1985) quanto mais próximos em idade são os irmãos, mais conflituosas e competitivas eram as suas relações.

Relativamente à vinculação aos pais verificaram-se valores mais elevados de qualidade do laço emocional ao pai numa fratria de 2 elementos do que em fratrias maiores, o que poderá ser explicado pelo eventual estabelecimento de relações mais estreitas com o pai quando o número de filhos é menor. As fratrias de 3 irmãos apresentam menor ansiedade de separação e dependência ao pai, do que todas outras. Se este resultado seria facilmente compreendido quando comparado com fratrias de dois, o mesmo não acontece quando pensamos nas fratrias maiores. Com efeito, se as fratrias de três evidenciam uma relação com o pai menos dependente e se esse facto fosse atribuído ao número de irmãos, então porque é que as fratrias maiores evidenciavam valores mais elevados de ansiedade?

Relativamente à posição que os irmãos ocupam na fratria, no nosso estudo foram encontradas diferenças significativas apenas na dimensão rivalidade, sendo que os primogénitos têm maior percepção de rivalidade pela atenção parental do que os terceiros filhos. Segundo Cicirelli (1982) a rivalidade de irmãos tem a sua origem na infância na competição pelo amor e atenção parental, sendo que o primogénito até ao nascimento do irmão, o que pode demorar meses ou anos, recebe todo o amor e atenção dos pais e muitas vezes da família alargada, sendo que esta exclusividade da atenção termina quando nasce o irmão. Geralmente os pais canalizam toda a atenção

para o recém-nascido, devido à maior necessidade de cuidados que este naturalmente evidencia, o que nem sempre é compreendido pelo filho mais velho (principalmente se ele é ainda muito novo quando o irmão nasce), e pode representar uma perda na vida destas crianças únicas até então. Neste contexto, é provável que o irmão mais novo seja primeiramente sentido como um rival e a prevalência deste sentimento no tempo fique dependente, em certa medida, do modo como os pais se posicionam relativamente aos conflitos dos filhos. A grande maioria dos primogénitos tem a percepção que os pais favorecem os irmãos mais novos (Furman *et al.*, 1985a), sendo a rivalidade entre irmãos um tipo de conflito decorrente da competição pela recompensa dos pais, sabendo-se ainda pouco acerca da sua influência na relação de irmãos adultos (Lee, *et al.*, 1990).

Porém, mediante a quase inexistência de estudos no domínio da relação de irmãos adultos, salientamos mais uma vez, a importância das questões culturais que estão subjacentes à forma como os pais atribuem os papéis a cada um dos filhos, mediante a ordem de nascimento e o género. Esses estatutos, que muitas vezes conferem poder a uns e não a outros, contribuem para configurar o relacionamento dos irmãos na idade adulta?

Os sujeitos que **vivem com os pais**, evidenciam uma maior percepção de conflito nas relações com os irmãos do que aqueles que já não vivem, o que pode estar relacionado com o processo de separação e autonomia que aqueles ainda experienciam. Paralelamente, os indivíduos que vivem com os pais, no caso de os irmãos também viverem, têm mais contacto entre si, o que aumenta a probabilidade de experienciarem mais conflitos, o que é consistente com o estudo desenvolvido por Lee e colaboradores (1990), que constataram que quando os irmãos vivem perto uns dos outros têm mais contacto e devido a esse maior contacto tendem a experienciar mais conflitos.

A partilha de um espaço e bens comuns, a luta pela atenção e pelo apoio parental pode contribuir para que os que vivem com os pais percepcionem as suas relações com os irmãos mais conflituosas do que aqueles que já não vivem. Do mesmo modo, os que vivem com os pais, mesmo quando os irmãos já não vivem, podem tender a manter mais vivas representações do relacionamento na fratria e dos conflitos aí vivenciados, e por isso, apresentarem uma maior percepção de conflito do que aqueles que já não vivem.

Porém, os sujeitos que não vivem com os pais, além de terem provavelmente menos contacto com os irmãos, podem ser mais independentes e autónomos, o que

lhes permitirá um maior distanciamento psicológico de eventuais vivências potenciadoras de conflito.

No que diz respeito às diferenças relativas às dimensões de vinculação constatamos que os indivíduos que vivem com os pais apresentam índices mais elevados de qualidade do laço emocional à mãe e de ansiedade de separação e dependência ao pai e à mãe, em comparação com os que já não vivem. Mais uma vez se verifica que os sujeitos manifestam representações de vinculação diferentes a cada um dos seus pais e neste caso relativamente à mãe, os sujeitos evidenciam um índice elevado de qualidade do laço emocional e um valor elevado de ansiedade de separação e dependência o que pode fazer sentido à luz da teoria da vinculação, dada a dificuldade de os sujeitos se separarem daqueles com quem mantêm relações de elevada proximidade, como já foi referido (Bowlby, 1969).

Porém, os indivíduos que já não vivem com os seus pais apresentam valores mais baixos, nas três dimensões focadas, comparativamente aos que ainda vivem com os pais. O que pode sugerir que os sujeitos que já não vivem com os seus pais tenham um self mais diferenciado e adquirido maior autonomia e individuação.

Quando emparelhamos o sexo do participante com o género do irmão, ao qual o sujeito se reporta, constatou-se que as díades femininas percebem a sua relação mais calorosa e mais conflituosa do que as díades masculinas. Relativamente à dimensão conflito verifica-se concordância dos resultados com um estudo de Stocker e colaboradores (1997) em que foi constatado que os irmãos de géneros diferentes evidenciavam menor conflito nas suas relações do que irmãos do mesmo género. No entanto no mesmo estudo foi encontrado que os participantes que tinham uma irmã reportavam mais calor e mais conflito nas suas relações do que aqueles que tinham um irmão, o que é inconsistente com os nossos resultados que mostram a existência de maior conflito e de uma relação mais calorosa nas díades femininas.

Nas dimensões da vinculação aos pais, as díades femininas apresentam valores mais baixos de qualidade do laço emocional à mãe, e mais elevados de ansiedade de separação e dependência e de inibição de exploração e individualidade à mãe. O que poderá sugerir que as mulheres quando têm uma irmã, têm uma representação da relação com a sua mãe pautada por restrições à expressão da sua individualidade, sentidas através da falta de apoio, pela intrusão da figura parental em questões consideradas pessoais e dificuldade em ser ouvida quando manifesta pontos de vista divergentes. Percebem a sua relação com a mãe como tendo sido vivenciada com ansiedade e medo e não como uma base segura.

Nas díades masculinas, observam-se índices mais baixos de qualidade do laço emocional e de ansiedade de separação e dependência ao pai e à mãe do que nas díades mistas, o que sugere que a composição na fratria tem influências nas representações dos sujeitos às suas figuras de vinculação.

Neste resultado mais uma vez se verifica, ao contrário do que seria de esperar, que a uma maior qualidade do laço emocional está associado um nível mais elevado de ansiedade de separação e dependência o que poderá ser atribuído a questões culturais. Ou seja, à forma como são conceptualizados os papéis parentais e à dinâmica relacional que se estabelece na família portuguesa. Contudo, seria interessante aprofundar estas relações com base noutras variáveis não usadas neste estudo.

1.3. *Efeitos dos protótipos da vinculação*

A avaliação da percepção do conflito na relação de irmãos adultos, efectuada a partir de modelos prototípicos da vinculação, assume um carácter eminentemente exploratório, na medida em que não encontramos suporte teórico neste domínio preciso e porque a visão da vinculação ao pai e à mãe foi avaliada a partir de uma visão retrospectiva dos sujeitos.

Os resultados das análises de variância permitiram detectar diferenças significativas entre participantes com diferentes protótipos de vinculação, em que relativamente à mãe, os sujeitos classificados como preocupados, tendem a reportar a relação com o irmão como sendo mais calorosa do que todos os outros protótipos. O que está de acordo com o esperado dado que os indivíduos preocupados têm uma representação negativa do self e positiva do outro, caracterizando-se por uma procura exacerbada de atenção e de aprovação, dando aos relacionamentos uma grande importância e um envolvimento excessivo, revelando necessidade de prestar cuidados aos outros e de se sentirem desejados. Por outro lado, os sujeitos classificados como desinvestidos tendem a reportar a relação com o irmão como sendo menos calorosa do que todos os outros protótipos o que está de acordo com o esperado dado que estes indivíduos têm uma representação positiva do self e negativa do outro evitam o envolvimento relacional por medo de perder a independência sendo negadas as suas necessidades de vinculação.

No que diz respeito ao *conflito*, verifica-se que os sujeitos *amedrontados* apresentam valores significativamente mais elevados do que todos os outros protótipos. Estes resultados parecem indicar que os modelos negativos que os amedrontados têm

do self e do outro, traduzidos pela insegurança e evitamento da proximidade/intimidade pelo medo da rejeição, reduzem a possibilidade de envolvimento emocional com o outro e podem afectar negativamente as relações fraternais.

No que concerne à vinculação ao pai, foi encontrado um efeito significativo em todas as dimensões, sendo que relativamente aos efeitos verificados na dimensão *relação calorosa*, estes foram similares aos dos protótipos de vinculação respeitantes à mãe. No entanto, os resultados revelam-se diferentes nas restantes dimensões, sendo que na dimensão *conflito* os sujeitos *amedrontados* apresentam valores mais elevados, relativamente aos sujeitos inseridos nos protótipos *seguro* e *preocupado*. O que pode ser mais uma vez revelador de que os modelos negativos que os amedrontados têm do self e do outro, que se traduzem pela insegurança e evitamento da proximidade/intimidade pelo medo da rejeição, podem afectar negativamente as relações entre irmãos.

Também se evidenciaram diferenças significativas na dimensão *rivalidade*, com o padrão *amedrontado* a apresentar valores significativamente mais altos do que o *desinvestido*. A dificuldade que o amedrontado evidencia no relacionamento interpessoal pode leva-lo a perceber as suas relações com os irmãos com maior rivalidade do que o desinvestido dado que este com representações positivas do self e negativas do outro, desenvolveu uma auto-imagem não vulnerável a sentimentos negativos e além disso nega as suas necessidades de vinculação o que o pode conduzir a uma percepção de menor rivalidade nas suas relações fraternais.

2. Vantagens, limitações e sugestões para investigações futuras

O presente estudo contém algumas limitações que importa referir. Desde logo seria importante para o estudo conhecer o tipo de relação que o participante tinha com o irmão/ã a que se reportou, bem como a idade. Também seria interessante conhecer as representações do sujeito participante relativamente à dimensão conflito. Para o efeito, poderíamos ter utilizado um instrumento, onde questionássemos os sujeitos relativamente ao irmão a que se reportavam e porquê? Da forma como fizemos, apenas recolhemos informação sobre a posição na fratria do participante mas, quando se trata de fratrias com mais de dois elementos não sabemos qual é a posição na fratria que é ocupada pelo irmão.

Conhecer as representações dos participantes relativamente ao conflito, concretamente se o percebem como sendo negativo ou como oportunidade de

diferenciação e individuação, teria sido importante na medida em que nos permitia uma análise diferenciada da percepção de conflito na relação de irmãos.

A amostra por conveniência apresenta-se também como uma das limitações e a existência de uma percentagem maior de elementos do sexo feminino traz alguns constrangimentos relativamente à representatividade de ambos os sexos. Os participantes eram maioritariamente casados, o que sugere cautela na interpretação dos dados obtidos.

Relativamente à subescala do QRIA referente à preferência parental, verificou-se que muitos dos participantes, optaram por se situar no ponto médio da escala. Assim sendo, teria sido importante administrar um instrumento que medisse a desejabilidade social. No que toca à avaliação da vinculação aos pais solicitamos aos sujeitos que se reportassem ao tempo em que viviam com os seus pais, ora como sabemos, a memória tem idiossincrasias diversas que podem influenciar as representações dos participantes.

O procedimento de validação empírica e análise das qualidades psicométricas do instrumento QVPM, não obstante ter sido validado por diversos estudos com amostras independentes, como já foi referido anteriormente, deveria ter sido testado, uma vez que o presente estudo incide sobre uma população adulta e neste domínio o instrumento tem sido menos aplicado. Ainda relativamente à avaliação da vinculação aos pais, solicitamos aos sujeitos que se reportassem à infância, o que implica o recurso às memórias as quais podem ter sofrido alterações ao longo do tempo.

Apesar de comportar algumas limitações, consideramos que este trabalho levanta algumas questões pertinentes que devem ser objecto de reflexão e investigação futura neste domínio.

Esta investigação poderá contribuir para um maior conhecimento da relação de irmãos na idade adulta, dado que esta relação tem merecido pouca atenção dos investigadores e a literatura científica debruça-se, quase exclusivamente, sobre estudos realizados com populações estrangeiras, infantis, juvenis e de idosos. Neste sentido, julgamos tratar-se de um estudo relevante efectuado com uma amostra portuguesa, que apesar de não ser de grandes dimensões, pode contribuir para compreender como são vivenciadas as relações de irmãos adultos portugueses.

Este estudo pode ser útil em termos de intervenção psicológica, nomeadamente para os profissionais que trabalhem ao nível do acompanhamento parental, estimulando a reflexão acerca das práticas educativas e dos estilos parentais, da resolução de

problemas, do posicionamento dos pais face ao conflito dos filhos e do tratamento diferencial parental.

Futuras investigações devem considerar os acontecimentos que ocorrem na vida dos jovens adultos que possam influenciar os relacionamentos futuros entre os irmãos, como por exemplo, transições como o casamento, o divórcio e o nascimento dos filhos e as opções de carreira.

Referências bibliográficas

- Adler, A. (1984). *Conocimiento del Hombre*. Madrid: Editorial Espasa-Calpe.
- Ainsworth, M. (1989). *Attachement beyond infancy*. American Psychologist, 44, 709-716.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Bartholomew, K. (1990). *Avoidance of intimacy: An attachment perspective*. Journal of Social and Personal Relationships, 7, 147-178.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). *Attachment styles among young adults: A test of a four category model*. Journal of Personality and Social Psychology, 61, 226-244.
- Bedford, V. H. (1986). *A comparison of thematic apperceptions of sibling affiliation, conflict, and separation at two periods of adulthood*. Poster presented at the 39th Meeting of Gerontological Society of America: Chicago, Illinois.
- Bíblia Sagrada (1962). *Antigo e novo testamento*. Rio de Janeiro: Livro do Brasil.
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. Vol. 1. *Attachement*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. Vol 2. *Separation*. New York: Basic Books.
- Branje, S. J. T., Lieshout, C. F. M., Aken, M. A. G., & Haselager, G. J. T. (2004). *Perceived support in sibling relationships and adolescent adjustment*. Journal of Child Psychology and Psychiatry, 45, 8, 1385-1396.
- Britto, N. (2002). *Rivalidade fraterna: O ódio e o ciúme entre irmãos*. São Paulo: Brasil.
- Brody, G. H. (1998). *Sibling relationship quality: Its causes and consequences*. Annual Reviews Sociol, 49, 1-24.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & Burke, M. (1987). *Child temperaments, maternal diferencial behaviour, and sibling relationships*. Developmental psychology, 23, 3, 354-362.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & McCoy, J. K. (1992). *Associations of maternal and paternal direct and differential behaviour with sibling relationships: Contemporaneous and longitudinal analyses*. Child Development, 63, 82-92.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., & McCoy, J. K. (1994). *Contributions of family relationships and child temperaments to longitudinal variations in sibling relationship quality and relationship styles*. Journal of Family Psychology, 8, 3, 274-286.
- Brody, G. H., Stoneman, Z., McCoy, J. K., & Foreman, R. (1992). *Contemporaneous and longitudinal associations of sibling conflict with family relationship assessments and family discussions about sibling problems*. Child Development, 63, 391-400.

Buhrmester, D., & Furman, W. (1990). *Perceptions of sibling relationships during middle childhood and adolescence*. *Child Development*, 1990, 61, 1387-1398.

Cicirelli, V. (1985). *Sibling relationships throughout the lif cycle*. In L. L'Abate (Eds.), *The handbook of family psychology and therapy* (vol. 1, pp. 177-214). Homewood, IL: Dorsey Press.

Cicirelli, V. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York: Plenum Press.

Cicirelli, V. G. (1980). *A comparison of college women's feelings toward their siblings and parents*. *Journal of Marriage and the Family*.

Cicirelli, V. G. (1980b). *Sibling relationships in adulthood: A life span perspective*. In Leonard W. Poon (eds.), *Aging in the 1980's* (pp. 455-462). Washington, DC: American Psychological Association.

Cicirelli, V. G. (1989). *Feelings of attachment to siblings and well-being in later life*. *Psychology and Aging*, 4, 2, 211-216.

Collins, N. L., & Read, S. J. (1994). *Cognitive representations of attachment: The structure and function of working models*. In Bartholomew & D. Perlman (Eds.), *Attachment processes in adulthood* (pp. 53-92). London: Jessica Kingsley.

Connidis, I. A. & Campell, L. D. (1995). *Closeness, confiding, and contact among siblings in middle and late adulthood*. *Journal of Family Issues*, 16, 6, 722-745.

Connidis, I. A. (1992). *Life transitions and the adult sibling tie: A qualitative study*. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 972-982.

Connidis, I. A. (2001). *Family ties and aging*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Costa, M. E. (1994). *Divórcio, monoparentalidade e recasamento: Intervenção psicológica em transições familiares*. Porto: Edições Asa.

Duarte, C. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Erel, O., Margolin, G., & John, R. (1998). *Observed sibling interaction: Links with the marital and the mother-child relationship*. *Developmental Psychology*, 34, 2, 288-298.

Eriksen, S., & Gerstel, N. (2002). *A labor of love or labor itself*. *Journal of Family Issues*, 23, 7, 836-856.

Fernandes, O. M. (2002). *Semelhanças e diferenças entre irmãos*. Lisboa: Climepsi Editores.

Fernandes, O. M., Alarcão, M., & Raposo, J. V. (2007). *Posição na fratria e personalidade*. *Campinas*, 24, 3, 297-304.

Floyd, K. (sd.). *Gender and closeness among friends and siblings*. *The Journal of Psychology*, 129, 2, 193-202.

- Freud, S. (1912-1913). *Totem e Tabu*. Lisboa: Relógio D' Água Editores.
- Friedman, S. D. (1991). *Sibling relationship and intergenerational succession in family firms*. Family Business Review, vol. IV, I, Spring.
- Furman, W., & Buhrmester, D. (1985). *Children's perceptions of the personal relationships in their social networks*. Developmental Psychology, 21, 6, 1016-1024.
- Goeting, A. (1986). *The developmental tasks of siblingship over the life cycle*. Journal of Marriage and Family, 48, 703-714.
- Goldsmid, R. & Carneiro, T. (2007). *A função fraterna e as vicissitudes de ter e ser um irmão*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, 13, 2, 293-308.
- Jares, X. R. (2002). *Educação e conflito: Guia de educação para a convivência*. Porto: Asa Editores.
- Kowal, A., Kramer, L., Krull, J. L., & Crick, N. R. (2002). *Children's perceptions of the fairness of parental preferential treatment and their socioemotional well-being*. Journal of Family Psychology, 16, 3, 297-306.
- Lanthier, R. P., & Stocker, C. (1992). *The adult sibling relationship questionnaire*. Denver, CO: University of Denver.
- Lee, T. R., Mancini, J. A., & Maxwell, J. W. (1990). *Sibling relationship in adulthood: Contact patterns and motivations*. Journal of Marriage and the Family, 52, 431-440.
- Mackinnon, C. E. (1989). *An observational investigation of sibling interactions in married and divorced families*. Developmental Psychology, 25, 1, 36-44.
- Matos, P.M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Minnett, A. M., Vandell, D. L., & Santrock, J. W. (1983). *The effects of sibling status on sibling interaction: Influence of birth order, age spacing, sex of child, and sex of sibling*. Child Development, 54, 1064-1072.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias, funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pulakos, J. (1987). *Brothers and sisters: Nature and importance of adult bond*. The Journal of Psychology, 121, 521-522.
- Pulakos, J. (2001). *Young adult relationships: Siblings and friends*. Journal of Psychology, 123, 3, 237-244.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.

- Riggio, H. R. (2000). *Measuring attitudes toward adult sibling relationships: The lifespan sibling relationship scale*. Journal of Social and Personal Relationships, 17, 707-728.
- Ross, H. G., & Milgram, J. I. (1982). *Important variables in adult sibling relationships: A qualitative study*. In M. E. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.), *Sibling relationships: Their significance across the lifespan* (pp. 225-249). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Searcy, E., & Eisenberg, N. (1992). *Defensiveness in response to aid from a sibling*. Journal of Personality and Social Psychology, vol. 62, 3, 422-433.
- Shebloski, B., Conger, K. J., & Widaman, K. F. (2005). *Reciprocal links among differential parenting, perceived partiality, and self-worth: A three-wave longitudinal study*. Journal of Family Psychology, 19, 4, 633-642.
- Short, J. W., & Gottman, J. M. (1997). *Closeness in young adult sibling relationships: Affective and physiological process*. Blackwell Publishers.
- Spitze, G., & Trent, K. (2006). *Gender differences in adult sibling relations in two-child families*. Journal of Marriage and Family, 68, 977-992.
- Stewart, R. B. (1983). *Sibling attachment relationships: Child-infant interactions in the strange situation*. Developmental Psychology, 19, 2, 192-199.
- Stewart, R. B., & Marvin, R. S. (1984). *Sibling relationship: The role of conceptual perspective-taking in the ontogeny of sibling caregiving*. Child Development, 55, 1322-1332.
- Stewart, R., B., Verbruge, K., M., & Beilfuss, M., C. (1998). *Sibling relationship in early adulthood: A typology*. Personal Relationships, 5, 59-74.
- Stocker, C. M., & Youngblade, L. (1999). *Marital conflict and parental hostility: Links with children's sibling and peer relationships*. Journal of Family Psychology, 13, 4, 598-609.
- Stocker, C. M., Lanthier, R. P., & Furman, W. (1977). *Sibling relationship in early adulthood*. Journal of Family Psychology, 11, 2, 210-221.
- Stocker, C., Dunn, J., & Plomin, R. (1989). *Sibling relationship: Links with temperament, maternal behaviour, and family structure*. Child Development, 60, 715-727.
- Stoneman, Z., & Brody, G. H. (1993). *Sibling temperaments, conflict, warmth and role asymmetry*. Child Development, 64, 1786-1800.
- Voorpostel, M., & Blieszner, R. (2008). *Intergenerational solidarity and support between adult siblings*. Journal of Marriage and Family, 70, 157-167.
- Weaver, S. E., Coleman, M., & Ganong, L. H. (2003). *The sibling relationship in young adulthood*. Journal of Family Issues, 24, 2, 245-263.

White, L. (2001). *Sibling relationships over the life course: A panel analysis*. Journal of Marriage and Family, 63, 555-568.

White, L. K., & Riedmann, A. (1992). *Ties among adult siblings*. Social Forces, 71, 1, 85-102.

Anexos

Anexo 1: Questionário Sócio-Demográfico

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Estes questionários fazem parte de um estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, tendo por tema central as Relações de Irmãos Adultos.

Lembramos-lhe que não há respostas certas ou erradas, pelo que nos interessa apenas a sua opinião. Todas as informações recolhidas são confidenciais, pelo que não deverá escrever qualquer indicação que o(a) identifique.

Muito obrigado pela sua colaboração.

Dados pessoais			
Idade _____ anos	sexo	M ☐	F ☐
Nível de escolaridade do participante			
☐ 1.º Ciclo E. Básico	☐ 2.º Ciclo E. Básico	☐ 3.º Ciclo E. Básico	
☐ E. Secundário	☐ Licenciatura	☐ Mestrado	☐ Doutoramento
☐ Outra Qual _____			
Nível de escolaridade do Irmão/Irmã			
☐ 1.º Ciclo E. Básico	☐ 2.º Ciclo E. Básico	☐ 3.º Ciclo E. Básico	
☐ E. Secundário	☐ Licenciatura	☐ Mestrado	☐ Doutoramento
☐ Outra Qual _____			

Profissão _____

Estatuto ocupacional

- | | |
|---|---|
| ☐ Trabalha a tempo inteiro | ☐ Trabalha a tempo parcial |
| ☐ Trabalha por conta de outrem | ☐ Trabalha por conta própria |
| ☐ Desempregado | ☐ Reformado |

Estado civil

- ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ União de facto ☐ Divorciado ☐ Viúvo

Dados do subsistema fraternal

Número de irmãos ____

Qual é a sua posição na fratria? ☐ 1.º filho ☐ 2.º filho ☐ 3.º filho

Outra ☐ Qual ☐

Dados do subsistema parental

Os seus pais estão vivos? **Pai** ☐ sim ☐ não **Mãe** ☐ sim ☐ não

Actualmente vive com os seus pais? **Pai** ☐ sim ☐ não **Mãe** ☐ sim ☐ não

Que idade têm os seus pais, ou teriam agora? **Pai**____ **Mãe**____

Anexo 2: Questionário da Relação de Irmãos Adultos - QRIA

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

ASRQ

Adult Sibling Relationship Questionnaire, 1992

Adaptação de Cristóvão Coutinho e Cidália Duarte, 2008

No presente questionário, indicam-se diferentes modos de as pessoas perceberem as relações com os irmãos. Pedimos-lhe que pense na relação que tem com um dos seus irmãos, pensando em si mas também naquilo que ele/ela pensa sobre a vossa relação. Indique também o sexo do irmão a que se refere: M ☐ ☐

Responda a cada questão, tendo em conta as cinco alternativas que se seguem e assinalando com um círculo a sua opção:

POUCO 1 2 3 4 5 MUITO

- | | | | | | | |
|----|--|---|---|---|---|---|
| 1. | Em que medida tem assuntos em comum com o seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. | Em que medida costuma falar com o seu irmão sobre assuntos que são importantes para si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. | Em que medida o seu irmão costuma falar consigo sobre assuntos que são importantes para ele/ela? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. | Em que medida você e o seu irmão costumam discutir? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. | Em que medida o seu irmão o considera um bom amigo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. | Em que medida considera o seu irmão um bom amigo? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

7.	Em que medida irrita o seu irmão?	1	2	3	4	5
8.	Em que medida é irritado pelo seu irmão?	1	2	3	4	5
9.	Em que medida é admirado pelo seu irmão?	1	2	3	4	5
10.	Em que medida admira o seu irmão?	1	2	3	4	5
11.	Em que medida o seu irmão o tenta animar quando você se sente em baixo?	1	2	3	4	5
12.	Em que medida tenta animar o seu irmão quando ele/ela se sente em baixo?	1	2	3	4	5
13.	Em que medida é competitivo com o seu irmão?	1	2	3	4	5
14.	Em que medida o seu irmão é competitivo consigo?	1	2	3	4	5
15.	Em que medida o seu irmão lhe pede ajuda para resolver problemas não pessoais?	1	2	3	4	5
16.	Em que medida pede ao seu irmão ajuda para resolver problemas não pessoais?	1	2	3	4	5
17.	Em que medida exerce poder sobre o seu irmão?	1	2	3	4	5
18.	Em que medida o seu irmão exerce poder sobre si?	1	2	3	4	5
19.	Em que medida o seu irmão aceita a sua personalidade?	1	2	3	4	5
20.	Em que medida aceita a personalidade do seu irmão?	1	2	3	4	5
21.	Em que medida o seu irmão o conhece?	1	2	3	4	5
22.	Em que medida conhece o seu irmão?	1	2	3	4	5
23.	Em que medida a sua personalidade e a personalidade do seu irmão são semelhantes?	1	2	3	4	5
24.	Em que medida discute os seus sentimentos ou assuntos pessoais com o seu irmão?	1	2	3	4	5
25.	Em que medida o seu irmão discute consigo os sentimentos ou assuntos pessoais dele/dela?	1	2	3	4	5
26.	Em que medida é criticado pelo seu irmão?	1	2	3	4	5
27.	Em que medida crítica o seu irmão?	1	2	3	4	5
28.	Em que medida você se sente íntimo do seu irmão?	1	2	3	4	5
29.	Em que medida o seu irmão se sente íntimo de si?	1	2	3	4	5
30.	Em que medida o seu irmão faz coisas que o deixam furioso?	1	2	3	4	5

31. Em que medida faz coisas que deixam o seu irmão furioso?	1	2	3	4	5
32. Em que medida pensa que o seu irmão realizou algo importante na vida?	1	2	3	4	5
33. Em que medida o seu irmão pensa que você realizou algo importante na vida?	1	2	3	4	5
34. Em que medida pode contar com o apoio do seu irmão quando se sente stressado?	1	2	3	4	5
35. Em que medida o seu irmão pode contar com o seu apoio quando se sente stressado?	1	2	3	4	5
36. Em que medida o seu irmão sente ciúmes de si?	1	2	3	4	5
37. Em que medida sente ciúmes do seu irmão?	1	2	3	4	5
38. Em que medida você dá conselhos práticos ao seu irmão? (ex. compra de casa ou carro...)	1	2	3	4	5
39. Em que medida o seu irmão lhe dá conselhos práticos?	1	2	3	4	5
40. Em que medida o seu irmão é autoritário consigo?	1	2	3	4	5
41. Em que medida é autoritário com o seu irmão?	1	2	3	4	5
42. Em que medida aceita o estilo de vida do seu irmão?	1	2	3	4	5
43. Em que medida o seu irmão aceita o seu estilo de vida?	1	2	3	4	5
44. Em que medida conhece as relações de amizade do seu irmão?	1	2	3	4	5
45. Em que medida o seu irmão conhece as suas relações de amizade?	1	2	3	4	5
46. Em que medida você e o seu irmão pensam de forma semelhante?	1	2	3	4	5
47. Em que medida entende realmente o seu irmão?	1	2	3	4	5
48. Em que medida o seu irmão o entende realmente?	1	2	3	4	5
49. Em que medida o seu irmão discorda de si sobre assuntos diversos?	1	2	3	4	5
50. Em que medida discorda com o seu irmão sobre assuntos diversos?	1	2	3	4	5
51. Em que medida deixa que o seu irmão saiba que você se preocupa com ele/ela?	1	2	3	4	5
52. Em que medida o seu irmão deixa que você saiba que ele/ela se preocupa consigo?	1	2	3	4	5
53. Em que medida é inferiorizado pelo seu irmão?	1	2	3	4	5
54. Em que medida inferioriza o seu irmão?	1	2	3	4	5

55. Em que medida se sente orgulhoso do seu irmão?	1	2	3	4	5
56. Em que medida o seu irmão se sente orgulhoso de si?	1	2	3	4	5
57. Em que medida discute decisões pessoais importantes com o seu irmão?	1	2	3	4	5
58. Em que medida o seu irmão discute consigo as decisões pessoais importantes, dele/dela?	1	2	3	4	5
59. Em que medida o seu irmão tenta ser o mais competente?	1	2	3	4	5
60. Em que medida tenta ser mais competente que o seu irmão?	1	2	3	4	5
61. Em que medida o seu irmão o ajudaria financeiramente, caso necessitasse?	1	2	3	4	5
62. Em que medida você ajudaria o seu irmão financeiramente, caso ele/ela necessitasse?	1	2	3	4	5
63. Em que medida o seu irmão age com superioridade consigo?	1	2	3	4	5
64. Em que medida age com superioridade com o seu irmão?	1	2	3	4	5
65. Em que medida você aceita as ideias do seu irmão?	1	2	3	4	5
66. Em que medida o seu irmão aceita as suas ideias?	1	2	3	4	5
67. Em que medida conhece as ideias do seu irmão?	1	2	3	4	5
68. Em que medida o seu irmão conhece as suas ideias?	1	2	3	4	5
69. Em que medida você e o seu irmão têm estilos de vida semelhantes?	1	2	3	4	5

A seguir, solicitamos-lhe que se posicione novamente face ao mesmo irmão/irmã para responder às questões que lhe colocamos. Se os seus pais tiverem falecido reporte-se às suas recordações, tendo em conta as cinco alternativas que se seguem e assinalando com um círculo a sua opção:

Eu sou normalmente preferido	Às vezes eu sou preferido	Nem eu nem o meu irmão somos preferidos	O meu irmão às vezes é preferido	O meu irmão é normalmente preferido
1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 70. Pensa que a sua mãe o prefere mais a si ou mais ao seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 71. O seu irmão pensa que a sua mãe o prefere mais a ele ou mais a si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 72. Pensa que o seu pai o prefere mais a si ou mais ao seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 73. O seu irmão pensa que o seu pai o prefere mais a ele ou mais a si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 74. O seu irmão pensa que a sua mãe o apoia mais a ele ou mais a si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 75. Pensa que a sua mãe o apoia mais a si ou mais ao seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 76. O seu irmão pensa que o seu pai o apoia mais a ele ou mais a si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 77. Pensa que o seu pai o apoia mais a si ou mais ao seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 78. O seu irmão pensa que a sua mãe é mais íntima dele ou de si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 79. Pensa que a sua mãe é mais íntima de si ou do seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 80. O seu irmão pensa que o seu pai é mais íntimo dele ou de si? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 81. Pensa que o seu pai é mais íntimo de si ou do seu irmão? | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Anexo 3: Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe - QVPM

UNIVERSIDADE DO PORTO

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

QVPM

Paula Mena Matos & Maria Emília Costa, 2001

Versão revista

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações sobre as relações familiares. Leia atentamente e assinale com um círculo qual as respostas que melhor exprimem o modo como se sentia com cada um dos seus pais. Ainda que os seus pais sejam vivos, pedimos-lhe que se reporte sobretudo ao tempo em que vivia com eles. Responda em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as seis alternativas que se seguem e assinalando com um círculo a sua opção:

Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo Moderadamente 4	Concordo 5	Concordo Totalmente 6
-----------------------------	---------------	--------------------------------	--------------------------------	---------------	-----------------------------

	PAI						MÃE					
1. Os meus pais estavam sempre a interferir em assuntos que só tinham a ver comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
2. Tinha confiança que a minha relação com os meus pais se mantivesse no tempo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
3. Era fundamental para mim que os meus pais concordassem com aquilo que eu pensava.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
4. Os meus pais impunham a maneira deles de ver as coisas.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
5. Apesar das minhas divergências com os meus pais, eles eram únicos para mim.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

6. Pensava constantemente que não poderia viver sem os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
7. Os meus pais desencorajavam-me quando queria experimentar uma coisa nova.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
8. Os meus pais conheciam-me bem.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
9 Só conseguia enfrentar coisas novas se os meus pais estivessem comigo.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
10. Não valia muito a pena discutirmos, porque nem eu nem os meus pais dávamos o braço a torcer.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
11. Confiava nos meus pais para me apoiarem em momentos difíceis da minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
12. Estava sempre ansioso para estar com os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
13. Os meus pais preocupavam-se demasiado comigo e intrometiam-se onde não eram chamados.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
14. Em muitas coisas eu admirava os meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
15. Eu e os meus pais era como se fôssemos um só.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
16. Em minha casa era problema eu ter gostos diferentes dos dos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
17. Apesar dos meus conflitos com os meus pais, tinha orgulho neles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
18. Os meus pais eram as únicas pessoas importantes na minha vida.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
19. Discutir assuntos com os meus pais era uma perda de tempo e não levava a lado nenhum.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
20. Sei que podia contar com os meus pais sempre que precisasse deles.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
21. Fazia tudo par agradar aos meus pais.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6
22. Os meus pais dificilmente me davam ouvidos.	1	2	3	4	5	6	1	2	3	4	5	6

- | | | | | | | | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 23.Os meus pais tiveram um papel importante no meu desenvolvimento. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 24. Tinha medo de ficar sozinho se um dia perdesse os meus pais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 25. Os meus pais abafavam a minha verdadeira forma de ser. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 26. Não era capaz de enfrentar situações difíceis sem os meus pais. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 27. Os meus pais faziam-me sentir bem comigo próprio. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 28. Os meus pais tinham a mania que sabiam sempre o que era melhor para mim. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 29. Pensava que se tivesse de ir estudar para longe dos meus pais, sentir-me-ia perdido. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |
| 30. Eu e os meus pais tínhamos uma relação de confiança. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 |

Anexo 4: *Análise factorial em componentes principais QRIA*

Itens ²	Relação Calorosa	Conflito	Rivalidade
Intimidade	,898		
Admiração	,887		
Afecto	,890		
Aceitação	,850		
Semelhança	,834		
Conhecimento	,911		
Suporte instrumental	,812		
Suporte emocional	,902		
Desacordo		,870	
Dominância		,848	
Antagonismo		,802	
Competição		,841	
Rivalidade materna			,814
Rivalidade paterna			,847

² Análise factorial em componentes principais com rotação varimax